

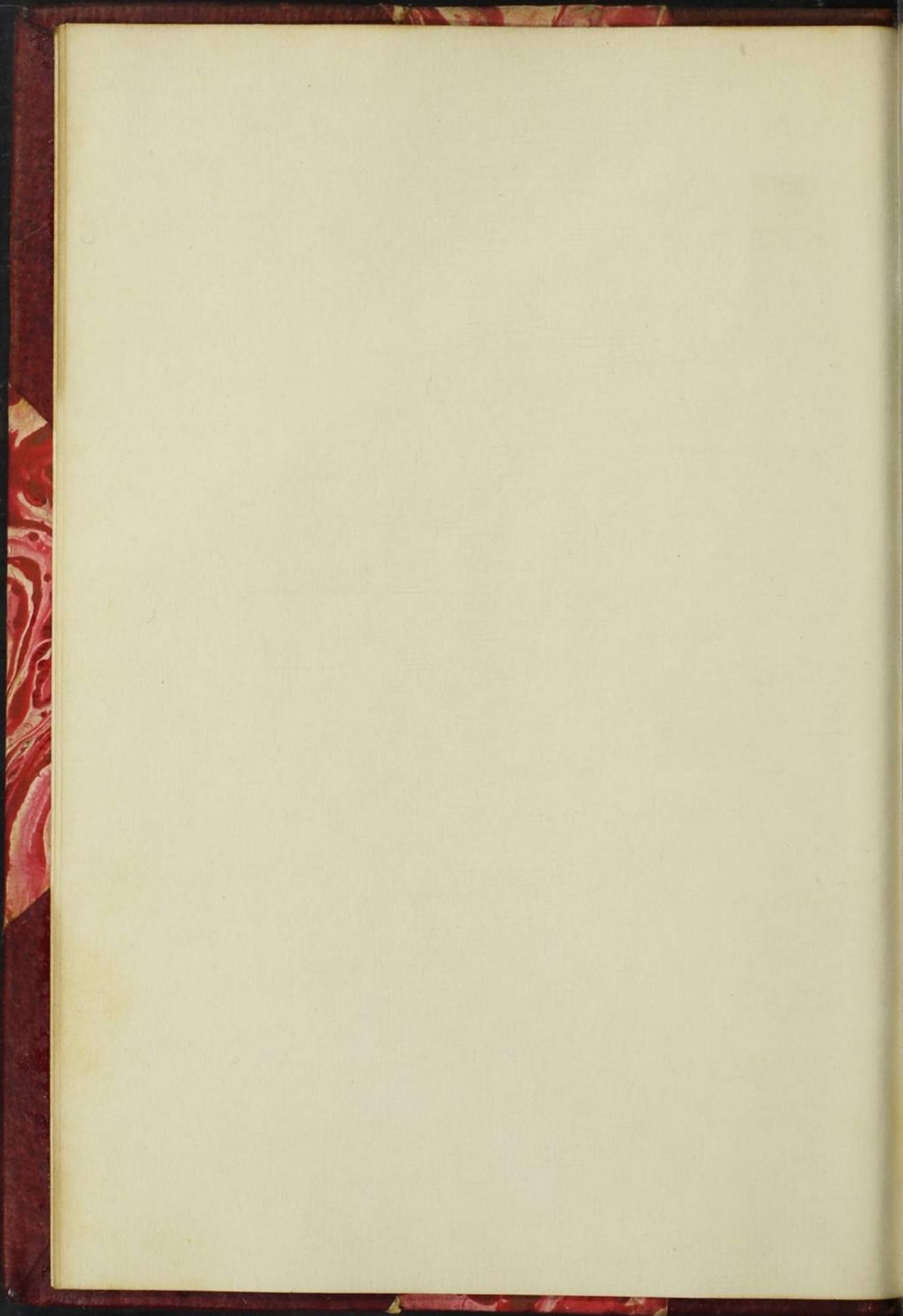
Le ne fay rien
sans

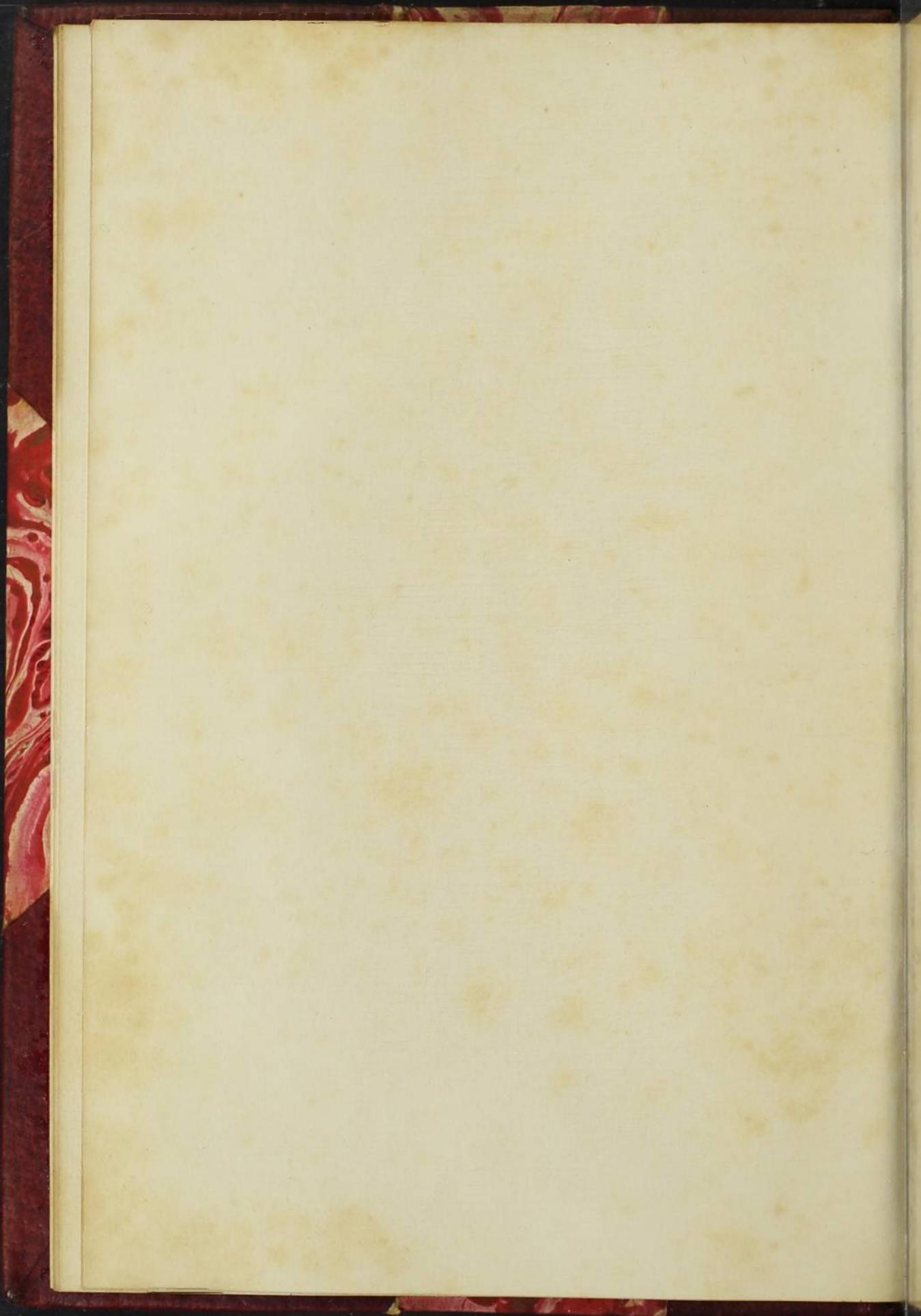
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

934 Moura, G. de Assis. As Bandeiras Paulistas e estudos das zonas que alcançaram.
S. Paulo 1914. 75 S. OU. — M. hs. Widmung d. Verfassers an Th. Koch-Grün-
berg. *F. A. Brockhaus, Cat. 6 de 1959* 12.—



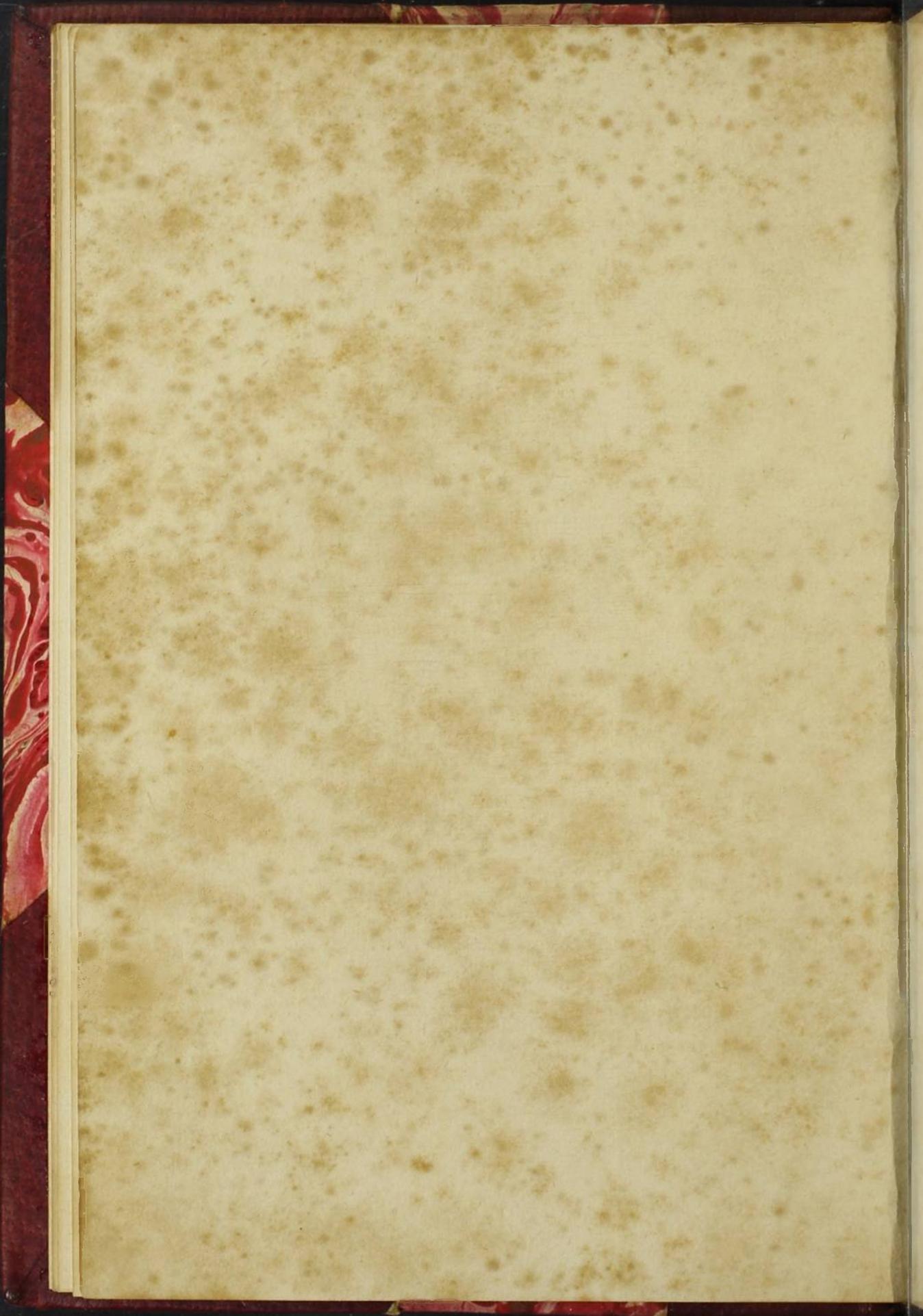


Primeiro Congresso de Historia Nacional

2.^a Secção — *Historia das Explorações Geographicas.*

5.^a These: *As Bandeiras Paulistas. Estabelecimento das directrizes geraes a que obedeceram o estudo das zonas que alcançaram.*

RELACTOR: Gentil de Assis Moura.



Assis Moura

As Bandeiras Paulistas

Estabelecimento das directrizes geraes
a que obedeceram e estudo das zonas que alcançaram

1914

I

Bandeiras paulistas

O acontecimento social que a historia registra sob a denominação de bandeiras paulistas foi um dos factores preponderantes da constituição geographica do paiz e o primeiro movimento brasileiro do povoamento do solo e formação da raça.

Drama que levou mais de dois seculos a desenrolar os seus actos, teve, na variedade das scenas, episodios onde entravam a tenacidade no empreendimento e a resistencia na lucta provocando diversidade de consequencias sempre tendentes a realizar o ideal planejado.

O vasto campo em que tinha de operar, cheio de estorvos que se antepunham á sua marcha, engolphada no desconhecido que a lenda povoava de seres phantasticos e cousas excepcionaes, a opposição dos indios sempre promptos a atacar, o emaranhado das mattas a percorrer, os rios caudalosos a transpor e regiões pestíferas a passar, exigiam que a organização das bandeiras comprehendesse um grande numero de expedicionarios de modo a triumphar de todos esses obstaculos.

Formavam-se então bandeiras compostas de mais de 600 pessoas que seguiam sob a direcção de um chefe (cabo da tropa) e de dois capitães seus ajudantes.

A organização era feita em S. Vicente nos primeiros tempos e depois em S. Paulo, Parnahyba, Taubaté, e a partida fazia-se sempre duas vezes por anno, depois da Paschoa e na primavera.

O tempo que gastavam no sertão era illimitado; nenhuma partia com tempo marcado para a volta, que podia demorar dois, tres e mais annos. Bandeirante houve, como Antonio Rapozo, que esteve dez annos no sertão.

As bandeiras tinham quasi sempre um character official, porque eram formadas por ordem do governo, sendo registra-

dos na Camara Municipal o regimento ou instrucções com que seguiam, o nome das pessoas que a compunham, fins a que se destinava, etc.

Entre as numerosas bandeiras organizadas officialmente citam-se as seguintes :

A bandeira que Mem de Sá incumbiu de atacar os Tupiniquins do rio Tietê, depois da quaresma de 1561, e da qual fez parte Anchieta como interprete.

A de Braz Cubas e Luiz Martins, que sob a preocupação da descoberta de metaes preciosos, percorreu o paiz na distancia de mais de 200 leguas.

As de Jeronymo Leitão e Braz Cubas contra os Tamoyos de Cabo Frio e outras partes da costa entre aquelle ponto e Bertioga.

As de combate aos indios de Guayrá, á frente das quaes estiveram Jeronymo Leitão contra os Carijós, e posteriormente Affonso Sardinha, Jorge Correia e João do Prado.

As ordenadas por D. Francisco de Souza, chefiadas por André de Leão e Nicoláo Barreto e dirigidas para Minas.

As que D. Luiz de Souza enviou para a conquista dos indios de Guayrá, iniciadas por Fernão Paes de Barros e proseguidas até completa redução das missões jesuiticas por Antonio Rapozo,

André Fernandes, Manoel Preto, Frederico de Mello, Simão Alvares, Antonio Bicudo, Manoel Morato, etc.

Bandeiras iniciadas por Salvador Correia e Agostinho Barbalho e organizadas por pedido directo de D. Pedro, Principe regente, e que constituem uma grande serie de expedições para quasi todos os pontos do paiz sendo de maior relevancia as de Sebastião Paes de Barros e João Teixeira Dormundo que atingiram as cabeceiras do Tocantins; Fernão Dias Paes, o Sabarabussú; Arzão, o rio Doce; Manoel Ferreira Sardinha, os sertões de Paranaguá e Igua-pe; Antonio Pires de Campos, Cuyabá; Bartholomeu Bueno (Anhanguera), Goyaz; Braz Arzão e Affonso Vidal, a Bahia, Pedro Leme da Silva, a região da Vaccaria.

D. Rodrigo Castello Branco, em 1678, fez seguir sob seu commando directo bandeiras para os sertões de Paranaguá e Corytiba e, ao depois, para Minas onde foi assassinado esse general.

Fez partir outras para os sertões de Buenos-Ayres sob a chefia do tenente-general Jorge Soares de Macedo, levando como capitão-mór Braz Arzão; para Sabarabussú e Caethé, commandadas

pelos irmãos Cunha Gago e Manoel Cardoso de Almeida; para o sul de Matto Grosso, chefiadas por Gaspar de Godoy Collaço.

D. Pedro de Almeida organizou a bandeira para Cuyabá dirigida por Paschoal Moreira Cabral.

Rodrigo Cezar, a de Goyaz em que foram cabos de tropa Bartholomeu Bueno da Silva e João Ortiz e a expedição contra os Payaguás dirigida por Antonio Pires de Campos.

D. Luiz de Mascarenhas, a de João Bicudo de Brito, para os sertões da Vaccaria, e a de Pires de Campos contra os Cayapós de Goyaz.

A D. Luiz Antonio devem-se as bandeiras para a occupação de Iguatemy, chefiada por João Martins de Barros e a exploração dos sertões de Tibagy, conduzida pelo capitão Affonso B. Sampaio.

Além destas bandeiras organizadas pelos governadores da Capitania, ha a accrescentar outras que partiam a convite do governo de outras circumscripções como a de Domingos Jorge, para a pacificação dos Palmares, de Mathias Cardoso para a redução dos indios da Bahia e as bandeiras formadas por particulares sem a influencia official.

O cabo da tropa levava um regimen-

to para a expedição e tinha, além da administração da bandeira, attribuições judiciaes, distribuia datas de mineração, decidia sobre a partilha dos indios e escravizados, e mais descobertos e apprehensões que fizessem. Procedia á arrecadação e inventario dos bens deixados pelos bandeirantes mortos no sertão, e julgava dos casos crimes podendo cominar pena de morte.

Para o desempenho dos trabalhos forenses, levava escrivão e demais officiaes de justiça.

Sacerdotes acompanhavam a expedição e se encarregavam do serviço religioso.

As bandeiras partiam levando como symbolo de guerra um estandarte e eram acompanhadas por tambores que rufavam na occasião dos combates.

O traje do bandeirante consistia de poucas peças. Vestiam camisa, calças e gibão, amarravam um lenço á cabeça e levavam alguns covados de baeta para duplo uso de capote e de cobertor, calçavam sapatões grosseiros e meias de algodão. Usavam tambem um collete de couro crú acolchoado por dentro e que servia de couraça contra as flechas dos indios.

A locomoção de tão grande massa

era obrigada a ser morosa, não só pelas dificuldades inherentes ao caminho, onde, a todo passo, podia haver uma emboscada dos indios, como também porque era forçada, a procurar nos recursos locais os alimentos para a sua manutenção.

A marcha era de duas a tres leguas e feitas nas primeiras horas do dia, aproveitando-se o restante do tempo para fazer provisões com a caça, pesca e colheita de fructos.

Dormiam em redes presas ás arvores do pouso.

O armamento consistia em arcabuz de pederneira, espada e a competente munição de polvora. Quanto ao chumbo era conduzido em barras, moldando-se as balas á proporção que necessitavam. Os escravos indios usavam flechas.

Os prisioneiros eram conduzidos em correntes de quarenta palmos de comprimento onde se prendiam dez collares que seguravam os captivos pelo pescoço.

Eram dois os meios de viação; por agua e por terra.

No primeiro desciam a corrente do Tietê e Paraná e subiam o affluente deste ultimo rio que servisse para attingir a região desejada, conforme iam para Guayrá, Cuyabá ou Iguatemy.

As expedições por agua seguiam em *monções* formadas de uma flotilha de canoas, cada uma das quaes comportava 500 arrobas de carga ou transportava 60 a 80 pessoas.

A marcha por terra era feita pelos trilhos dos indios, caminhos que cortavam o paiz em toda a sua extensão.

O cabo da tropa e os capitães seus ajudantes, os sacerdotes e demais pessoas qualificadas seguiam a cavallo, o restante marchava a pé.

A alimentação era conduzida em cargueiros e hombros dos escravos e consistia em passoca, farinha, sal, rapaduras, carnes seccas e aguardente, mas as provisões escasseavam logo nos primeiros mezes de viagem.

A caça e a pesca, o palmito, as fructas selvagens, e principalmente as roças dos indios que eram tomadas pelas bandeiras, ou então a colheita de plantações anteriormente feitas pelos proprios bandeirantes, forneciam a alimentação sempre parca e escassa para o resto da viagem.

Era essa a organização forte no conjuncto mas fraca nos recursos e que se propunha a realizar os acontecimentos mais importantes da nossa vida social.

Foi lucta que durou dois e meio se-

culos para o triumpho, mas o lugar conquistado pelo bandeirante nunca mais foi retomado, e a linha de Tordezillas affastou-se das proximidades do Atlantico para as vizinhanças dos Andes.

A verdadeira pedra de toque para a avaliação da importancia historica dos acontecimentos é a fecundidade, a grandeza de suas consequencias, e dahi o alto valor dos feitos dos bandeirantes, cuja actuação é realçada pela tenacidade no esforço, na lucta, para a consecução de seus fins, para a realização de seus projectos.

A resolução de Bartholomeu Bueno de só voltar para S. Paulo com a descoberta de que fora encarregado ou morrer no sertão é exuberantemente demonstrativa da tenacidade do bandeirante.

Não fosse elle dotado de um caracter que não se conforma com o mallogro do empreendimento a que se propoz, e nunca teriamos a constituição geographica que possuimos.

Perlustrando os sertões americanos, a bandeira paulista, atravessou as mais altas montanhas, vadeou todos os seus grandes rios, excepção apenas dos afluentes da margem esquerda do Amazonas onde não ha vestigio algum que indique a sua presença. A zona que per-

correu mede a enorme area de 8.500.000 kilometros quadrados.

As bandeiras paulistas não consubstanciam somente a epopéa de Tordezillas, mas synthetizam tambem os factos politicos, sociaes, ethnographicos e economicos da raça em formação.

A sociedade paulista entrou nellas com todos os vicios inherentes á epoca e ao meio em que vivia, mas levou tambem para sobrepujal-os um forte contingente de virtudes de que fez seu apanagio.

A escravização dos indios, a expulsão dos jesuitas, são actos lembrados para a depreciação das suas glorias; mas sua importancia é nenhuma desde que se lhes contraponham o avançamento dos limites, a exploração e civilização do sertão e a educação da raça no trabalho.

Das suas excursões nasceu o povoamento das zonas que hoje constituem sete grandes circumscripções administrativas; da longa estadia do bandeirante na região sertaneja surgiu o seu amor á vida agricola; do character aventureiro proveio o espirito de iniciativa que é hoje a feição caracteristica dos seus descendentes; de sua força da obediencia passiva ao *cabo da tropa* nasceu o espirito de respeito ás leis.

Até as circumscripções administrativas,

receberam das bandeiras uma forte modificação nas linhas do seu contorno.

As donatarias foram concedidas com frente para a costa, numa certa extensão de leguas e fundos para todo o sertão que fosse da conquista portugueza.

Minas e Goyaz descobertos e povoados pelos paulistas, apesar de estarem nas condições de pertencerem como *fundos* á quasi totalidade das capitánias, ficaram, no entretanto, pertencentes a S. Paulo até a data do desmembramento daquelles territorios para constituirem governo á parte.

A sciencia e a educação tambem devem o seu tributo ao expansionismo paulista, porque de suas excursões é que vem as primeiras noticias sobre a geographia do paiz, sobre a fauna e a flora, a exploração das minas, as primeiras contribuições ethnographicas sul-americanas e a acção de maior força sobre a civilização dos indios.

A complexidade dos fins com que se organizavam as bandeiras, difficil torna o dividil-as de accordo com sua orientação e seu objectivo.

Si é certo que figuram em maior numero as bandeiras que se formaram sob a preocupação do ouro, comtudo muitas outras collimaram outros fins.

Lembramos as seguintes denominações que abrangem diversas series de bandeiras.

1. Bandeiras de expansão. Formadas pelos Vicentistas nos primeiros annos do seu povoado e proseguidas, ao depois, pelos Piratininganos e Paulistas no sul e no oeste do paiz e ultimadas por D. Luiz Antonio na conquista de Iguatemy.... (1532-1770).

2. Bandeiras religiosas—Dirigidas pelos Jesuitas para a catechese dos indios e proseguidas pelo padre Matheus Nunes de Siqueira (1549-1664).

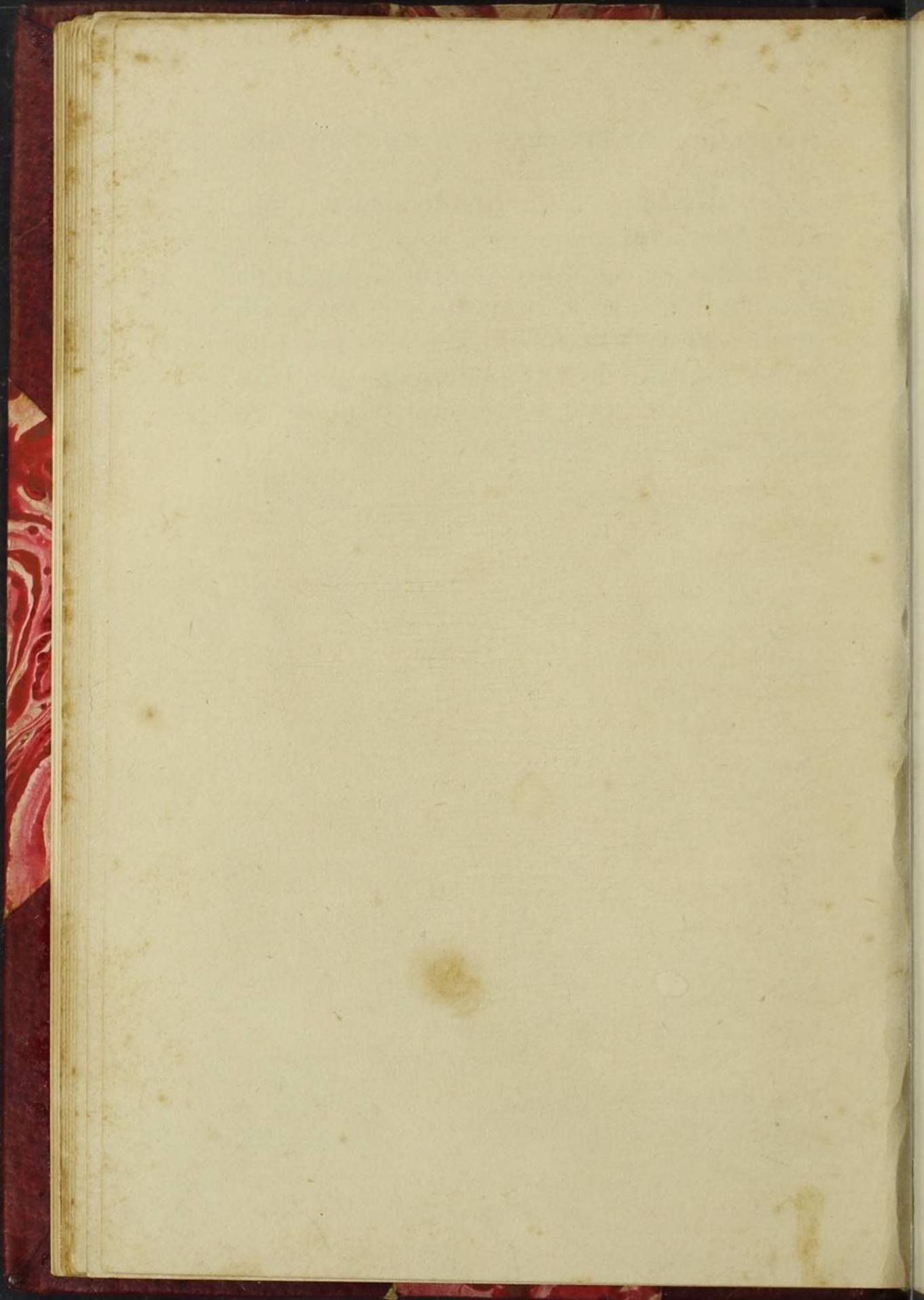
3. Bandeiras guerreiras— Organizadas pelos Vicentistas para ataque do Rio de Janeiro e Cabo Frio, proseguidas pelos Piratininganos contra os Carijós e, mais tarde, por Antonio Pires de Campos, Domingos Barbosa, Mathias Cardoso e Paschoal Araujo, Domingos Jorge, Bartholomeu Bueno do Prado e Amador Bueno na destruição dos indios e quilombos, guerra dos emboabas, etc.

4. Bandeiras exploradoras de ouro — Grande cyclo que começa em 1532 com os oitenta expedicionarios de Martim Afonso e termina com a desannexação de Matto Grosso e Goyaz da Capitania de S. Paulo, em 1749.

5. Bandeiras de exploração scientifica— Comprehende a exploração do sertão do

Tibagy mandada fazer por D. Luiz Antonio.

Essa divisão, como se vê, não é completa nem tem a preocupação de abranger todos os acontecimentos produzidos pelas bandeiras. E' um mero ensaio de classificação para orientar o resumo que iremos fazendo do expansionismo paulista á proporção que formos estudando as zonas por elle attingidas.



II

As directrizes das bandeiras

Para estabelecer a directriz geral de cada serie de bandeiras escolhemos a denominação que ellas trazem de accordo com a região percorrida e com a orientação a que obedeceram, para o sul e para o norte do paiz.

Não nos pareceu acertado traçal-as exclusivamente pela orientação ou rumo seguido porque esse criterio implicava em subdividil-as nas centenas de irradiações por onde ellas attingiram outros tantos pontos do continente.

Com cinco divisões, julgamos comprehender todas essas directrizes,

A. Bandeiras do sul, comprehendendo as bandeiras que percorreram as provincias jesuiticas do Paraguay e toda a região entre os rios Tieó e Paraná e a costa do Atlantico.

B. Bandeiras de Matto Grosso, que se referem ás expedições que occuparam a região entre os rios Paraná, Iguatemy e

Paraguay, nas vertentes do Prata, Guaporé, Madeira e Arinos na bacia do Amazonas.

C. Bandeiras Goyanas, que abrangem as excursões feitas nos valles dos rios Araguaya e Tocantins até sua foz no Amazonas.

D. Bandeiras Mineiras, comprehendem as bandeiras que percorreram toda a região de Minas-Geraes e o valle do rio Doce, no Espirito Santo.

E. Bandeiras do Norte do paiz, organizadas para a destruição de aldeias de indios e mucambos desde a Bahia até o Maranhão e soccorro a Pernambuco na occasião da guerra dos Hollandezes.

Zonas alcançadas pelas bandeiras

A

Bandeiras do Sul

As innumerables dificuldades que surgiram para a demarcação das terras das Corôas de Hespanha e Portugal ao sul da costa americana, sobre a qual os arbitros não conseguiram chegar a accordo, pretendendo ambas as potencias a parte situada entre S. Vicente e o rio da Prata, convenceram desde logo os portuguezes de que sómente por uma occupação regular é que poderiam estabelecer sua soberania sobre essa parte do continente.

As instrucções que Martim Affonso trouxe para o povoamento do rio da Prata, mostram o intuito da Corôa Portugueza de effectivar a posse daquelle rio. Solvia-se tambem por esse modo a reclamação anteriormente apresentada á Corte de Castella contra a occupação que Sebastião Caboto fizera naquelle rio.

O intento do delegado regio logo se revela na escolha do pessoal da sua es-

quadra, gente de escól, guerreiros affeitos a combates e homens praticos das cousas do Brazil.

Para informal-o das condições do paiz, no norte e no sul, trouxe Pedro Capico que já tinha estado em Itamaracá seis annos antes, Diogo Leite que fora companheiro de Christovam Jacques na sua feitoria e Henrique Montes, grande conhecedor da região do sul, quer pela costa quer pelo interior do paiz.

Henrique Montes tinha vindo na expedição de João Dias de Solis, passou grande parte da sua mocidade entre os indios dos Patos, serviu de orientador ás expedições de Diogo Garcia e Sebastião Caboto quando subiram o Prata, e tinha relações amistosas com Francisco Chaves e mestre Cosme ou o bacharel Cosme Fernandes, como muito bem identifica Ernesto Young. Veio na expedição como almoxarife-mór, obteve deste donatario uma sesmaria em S. Vicente e morreu antes de 1536 flechado pelos indios.

Henrique Montes parece ter influido com os seus conselhos para a celebre expedição que pretendeu ir ao Perú em busca de ouro, porque a communicação que Francisco Chaves fez ao donatario sobre as fabulosas riquezas do sertão é

em tudo parecida com o que elle e Luiz Ramirez narram na viagem de Caboto.

Esse communicado teve forte importancia na historia da nossa occupação porque ao donatario forneceu opportunidade de realizar por terra a empresa, mais de uma vez frustrada por agua, de attingir o rio da Prata.

Com ella Martim Affonso veria realizar-se o plano que tentara executar no Rio de Janeiro e que consistia em conseguir um caminho por terra que ligasse directamente um ponto da costa com o Paraguay.

Além disso, o naufragio da náu capitanea tirara-lhe o melhor meio de transporte que possuia, não contados outros factores de ordem politica que exigiam sua permanencia na costa sob pena de graves perdas para a Corôa Portugueza. Os hespanhoes em Cananéa já consideravam aquella região como pertencente a Castella, como logo depois Ruy Moschera veio a S. Vicente provar; os francezes frequentavam toda a costa, entravam pelos rios e tinham com os indigenas commercio franco.

De toda a extensão no sul somente era franca aos portuguezes a bahia de S. Vicente, porque João Ramalho e An-

tonio Rodrigues tinham ahi formado boa amizade com os selvicolas e firmado de certo modo um dominio para Portugal.

Se sua preocupação era o Paraguay, se seu proposito era attingil-o por terra, S. Vicente estava talhado para auxiliar o seu desejo.

Dahi partia tambem o caminho para aquelle paiz e que muito soffregamente o donatario tratou em pessoa de explorar, demorando nessa excursão cerca de dois mezes.

Até que ponto teria attingido aquella exploração?

Difficil dizel-o ; mas é possivel que nem ao menos tivesse chegado ás cabeceiras do Assunguy porque nesse ponto a estrada encruzava com o caminho de Cananéa por onde entraram seus expedicionarios e ahi teria tido noticias de sua expedição. E' certo, porém, que elle somente na sua volta a S. Vicente veio ter conhecimento do que occorreu.

Do mallogro dessa expedição nasceu o primeiro choque entre as duas nações na zona do litigio.

Com os ataques dos hespanhóes a S. Vicente e a repulsa dos Vicentistas a Iguape e consequente expulsão dos hespanhóes firmou-se o dominio dos portuguezes sobre este ultimo povoado.

A navegação para o Paraguay era quasi impossivel não só porque o mar no Sul é constantemente agitado pelos furacões, como tambem porque o rio da Prata nem sempre dava franca navegação devido aos bancos de areia de sua barra, e os portuguezes, conquistando os dois unicos portos que communicam com o centro do paiz, firmavam uma posse de alto valor politico e commercial.

S. Vicente constituiu-se por isso o entreposto do Paraguay e sua alfandega cada anno accusava maior arrecadação dos tributos lançados sobre os productos daquelle paiz.

O governador do Paraguay, D. Alvaro Nuno Cabeça de Vacca, ao passar por S. Vicente em 1540 lembrou-se igualmente de dar a Assumpção uma sahida por terra pelo Atlantico,

Desembarcou então em Santa Catharina e após tres mezes de trabalhos conseguiu abrir um caminho que cruzava com a estrada que ia de Cananéa e S. Vicente para Assumpção. Por elle seguio com toda a comitiva para aquella Capital tomando posse, em nome do rei de Castella, de todas as terras por onde passou. O porto de Santa Catharina durou 13 annos; ahi os hespanhoes fundaram pequenos sitios para supprir de mantimen-

tos os navios que subiam o Paraguay e por elle se faziam communicação mais rapida com a metropole.

5 Thomé de Souza, porém, não se conformou com o transito por esse caminho e em 1543 mandou fechal-o, e para maior defeza de S. Vicente ordenou a ereção em villa de S. André na região serrana e Itanhaen ao sul de S. Vicente; remetteu tambem para a metropole um esboço da bahia de Rio de Janeiro pedindo que ahi fosse estabelecida uma cidade para a defeza contra os francezes que já avassalavam a costa no commercio com os indigenas.

Parece tambem que aquelle governador que se mostrava tão cioso das glorias portuguezas e desejava «que todo o mundo fosse de seu rei», ordenára excursões ao centro do sertão nas margens do Paraná.

Dizem Ruy Dias de Gusman na sua «Argentina» o o Padre Lozano na «Historia da Conquista do Paraguay» que os principaes caciques de Guayrá, da tribu dos Carijós, pediram a Irala, Governador do Paraguay, em 1554, providencias contra os Tupis que, favorecidos pelos portuguezes do Brazil, damnificavam suas aldeias, e, que os Portuguezes, batidos

por Irala, os deixaram por muito tempo de incomodar.

A coincidência da data desses successos com a presença de Thomé de Souza em S. Vicente e, ainda mais, o facto d'elle ter demovido o Padre Nobrega da intenção de fazer uma entrada nos sertões do Paraguay «por motivos de ordem politica» apoiam em parte a presumpção de que tal ataque, quando não fosse organizado por aquelle governador, tivera pelo menos a sua acquiescencia.

Começou, porém, dessa data a occupação regular do sertão.

Nesse mesmo anno os jesuitas conseguiram fundar o povoado de Maniçoba, a 90 milhas de S. Vicente. Sua duração foi ephemera, porque contra elle se levantaram os filhos de João Ramalho, e os Carijós, commandados pelos hespanhóes de Cananéa, se encarregaram de destruil-o.

A occupação definitiva se operou com o estabelecimento do Collegio de Piratininga em 1554 e com o amanho das sesmarias de Domingos Luiz, Clemente Alvares, João Rodrigues Castelhana e Affonso Sardinha no valle do Tieté, abaixo do Jurubatuba, em cujo ambito ou extremidades, os jesuitas fundaram as

aldeias de Carapicuíba, Barueri, Pinheiros e Ibirapuera.

Depois que Piratininga foi elevada á categoria de villa, começaram a apparecer outros movimentos que tomaram orientação diversa e mais positiva para a conquista do sertão. No periodo que decorre de 1550 a 1584, Heleodoro Eobanos descobriu as minas de Iguape, Paranaguá e Corytiba e, no anno seguinte, os moradores do Rio de Janeiro, vieram tambem ao sertão com o fito de captivar indios, possivelmente na mesma região descoberta por Heleodoro, como se infere do seguinte trecho reproduzido pelo sr. Romario Martins na Rev. do Inst. Hist. S. Paul, vol. III, pag, 430 «e outrosim requeremos ao snr. capitão que não consinta que os do Rio de Janeiro entrem em nosso sertão desta capitania e levarem o gentio delle para o Rio de Janeiro como agora levaram á pouco, e nós que sustentamos a terra com nossa pessoas e fazendas a santos e christaos não gozemos de outro tanto».

Nessa mesma epoca Affonso Sardinha e Clemente Alvares descobriam e exploravam as minas de ouro de Jaguamimbaba, Jaraguá, Vuturuna e Araçoyaba.

Depois dos combates que Irala deu aos atacantes de Guyará não houve mais

oposição, por parte dos hespanhoes, á occupação que os vicentinos pouco a pouco iam fazendo no paiz.

Ao contrario até parecia haver certa unidade de vistas sobre esses povoamentos não só depois da annexação de Portugal á Corôa de Castella, como antes desse acto.

Os jesuitas, cathechizando e doutrinando os indios, percorriam o territorio até o Perú ⁽¹⁾; os Carijós, que habitavam o territorio considerado hespanhol, eram doutrinados em Piratininga no anno de 1573 ⁽²⁾.

Em 1594, iam os escravos do Brazil para os trabalhos agricolas do Paraguay ⁽³⁾.

Em 1586 o bispo de Tucuman, Frei Francisco Victoria, que era portuguez, enviou á Bahia os padres Francisco Salcede e Diogo de Palma Cirillo para pedir ao superior dos jesuitas, que mandasse doutrinar os indios do Paraguay pelos padres da missão brazileira.

Anchieta, que então occupava o cargo de superior, designou para essa missão, os padres João Saloni, hespanhol, Tho-

(1) Annaes da Bibliotheca Nacional vol. 1 pag. 69.

(2) Idem pags. 273-274.

(3) Padre Pablo Castells, Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay--Madrid 1912, pag. 64.

maz Filds, irlandez, Manoel Ortega e Estevam da Grã, portuguezes, que seguiram sob a direcção do padre Leonardo Arminio. Estes padres fizeram a viagem por mar, mas nas proximidades da embocadura do Prata, foram presos pelo corsario Roberto Withrington que tinha carta de corso firmada por D. Antonio, prior do Crato, e chegaram a Tucuman depois de uma serie de infelicidades; Ortega e Filds exerceram o apostolado na Provincia do Paraguay, desde Assumpção até Ciudad Real de Guayrá, Villa Rica do Espirito Santo e Xerez. Os outros ficaram em Tucuman. Tres desses padres estiveram no Paraguay por mais de sete annos.

Quasi que ao tempo da chegada desses jesuitas, o padre João de Almeida catechizava os indios de Laguna e levava-os para serem aldeados em Baruary e Reis Magos.

Depois da entrada dos padres da missão brazileira foram estabelecidas em passos accelerados reduções jesuiticas nos rios Parapananema, Tibagy Ivahy, Corumbatahy, Iguassú, Ijuhy e Itucuhy.

Em 1603, D. Fernando Arias de Saavedra, Governador do Rio da Prata, mandou quatro soldados explorar o caminho para o Brazil. Estes ao cabo de

alguns mezes chegaram a S. Paulo, donde escreveram áquelle governador dizendo que os soccorros espirituaes para os indios da sua provincia poderiam ser prestados pelos padres paulistas (1).

Pelo que se lê no erudito trabalho do Dr. Washington Luiz sobre Antonio Rapozo (2), estes soldados foram João Bentes de la Cus, procurador, Pero Minho, Pero Gonçalves e Sebastião de Peralta, Estiveram em S. Paulo em 22 de Novembro de 1603 e combinaram com os officiaes da Camara dessa villa o estabelecimento de relações entre os dois povoados. No dia seguinte em nova reunião feita em presença de D. Francisco de Souza, governador, e de Pedro Vaz de Barros, capitão-mór, ficou assentado que os emissarios de D. Fernando, fossem acompanhados por 12 ou 15 pessoas não só para evitar as aggressões no caminho, como tambem para estes ficarem conhecendo a região de Guayrá. A viagem, conforme muito bem conclue o dr. Washington no citado trabalho, devia ter sido por terra, pelo caminho denominado de S. Thomé e que nos primi-

(1) Pe. Pastells, Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay--Madrid 1912, pag, 110.

(2) Rev. do Instituto Hfstorico e Geogr. de S. Paulo vol. IX.

tivos tempos da colonia ligava S. Vicente a Assumpção.

Em 5 de abril de 1607, em carta ao Rei de Castella, D. Fernando reiterava aquelle pedido de modo mais frizante, opinando relativamente á doutrinação dos indios de Guayrá «seria de grande importancia mandasse S. M. que del Brazil entrasen por San Pablo sequiera seis padres que harian gran fruto como lo hicieron los que estuvieran mucho tiempo en aquelle provincia, y trabajaron con cuidado y muy buen ejemplo⁽¹⁾.

Entretanto, quasi na mesma occasião, devido talvez a actos impensados de D. Fernando, e á sublevação dos indios de Guayrá, começou a mudar o estado de relativa paz que gozava o sertão.

D. Fernando lembrava á Coroa a fundação de povoados entre Vera e Santa Catharina e fundamentava seu pedido com a allegação de que os indios ahi existentes se elevavam a mais de 100.000, não contados os de Guayrá e Uruguay, e continuamente eram captivados pelos portuguezes. Lembrava tambem como meio de evitar esse mal, o despovoamento de Cananéa, «não só por estar na Coroa de

(1) *Pe. Pastells* obra citada pag. 119.

Castella como tambem para evitar a escravização dos indios» (1).

Pouco tempo depois do pedido daquelle governador, a Camara de Cananéa informava tambem que as villas existentes na Capitania de S. Paulo podiam por em campo mais de 300 portuguezes e 1.500 indios «gente usada ao trabalho do sertão, que com bom caudilho passam ao Perú por terra, e isso não é fabula» mostrando assim as forças e animo de que dispunham contra o governo do Paraguay.

Os hespanhóes estavam impedidos de aprisionar indios e por isso é provavel que incitassem os paulistas a conquistalos, mas, durante o governo de D. Francisco de Souza, só um ou outro aprisionamento de indios é que poderiam ter feito porque aquelle governador a isso se oppunha como se vê da carta do padre Diogo Gonzales ao padre Diogo de Torres (2).

D. Francisco, porém, morreu em meados de 1611, e, poucos mezes depois do seu fallecimento, seu filho D. Luiz de Souza mandou á sua custa diversos caciques de Guayrá que estavam em S. Paulo, buscar os parentes que tinham naquellas missões para lhe ajudarem a

(1) Pe. Pastells, obra citada, pag. 144.

(2) Pe. Pastells, obra citada, pag. 145.

lavrando as minas de Araçoyaba. Para legitimar esse acto deu as seguintes razões: ser para o augmento da fazenda real e acrescimo dos quintos, parecer bem aos padres da companhia e ser cousa justa e licita, conforme se comprehendia na ordem real (1).

A expedição chegou ao rio Paranapanema em fins de outubro de 1611, saqueou o povoado e levou todos os indios que encontrou.

Um dos cabos dessa tropa foi o ex-capitão-mór de S. Paulo, Fernando Paes de Barros. Coincidiu que a entrada dessa tropa fosse feita na vespera da chegada ao Paranapanema do governador de Guayrá, D. Antonio Anasco, que perseguiu os paulistas até a distancia de 30 leguas, tomou os indios conquistados por Fernando Paes, matou diversos tupis e dispersou outro grupo de 25 paulistas (2).

Em agosto do anno seguinte, 13 caciques de Guayrá se revoltaram e entregaram cerca de 900 indios a Sebastião Preto para trazel-os a S. Paulo. O governador de Ciudad Real foi ao encalço dos fugitivos e conseguiu retomar 550 dos indios aprisionados, mas destes, 250 fu-

(1) Pe. Pastells, obra citada, pag. 188.

(2) » » » » » 195.

giram de novo para voltarem á companhia dos paulistas (1).

Em 1619, Manoel Preto conduziu um grande contingente de indios tirados das reduções de Jesus Maria e S. Ignacio (2).

Os jesuitas directores das missões não podiam ver com bons olhos o despovoamento das suas aldeias e dahi a repulsa a esses actos incitando os indios de Taioaba a atacar os paulistas e desta se originaram continuos ataques, cada vez mais fortes, contra as missões e em que figura o de 1629 dirigido por Antonio Raposo e Manoel Preto. e attribuido pelos jesuitas hespanhóes ao proprio governador do Paraguay, D. Luiz Céspedes de Xeria.

E' possivel que nesse ataque Manuel Preto tenha sido morto porque o padre Masseta, em carta datada de S. Paulo, de 22 de julho de 1630, diz que «Manoel Preto autor de todas essas entradas morreu no sertão com as muito boas flechadas que lhe deram os indios contra quem ia» (3).

Segundo as declarações juradas pelo padre Pablo de Benavides, Simon Masseta, Luiz Ernote, Justo de Mansilla e Antonio Ruiz, completadas por outros do-

(1) *Pe. Pastells*, obra citada, pag. 222-223.

(2) » » » » » 226.

(3) » » » » » 445.

cumentos, a que deu publicidade o padre Pastells, D. Luiz Céspedes de Xeria era casado com D. Victoria, irmã de Martin Correa de Sá, governador do Rio de Janeiro.

Estando D. Luiz no Rio allegou que não podia supportar a viagem por mar para o Paraguay, e resolveu fazel-a por terra.

Dirigiu-se para S. Paulo, ahi esteve cerca de um mez, e depois embarcando no Tietê em 16 de julho de 1628, desceu por elle e pelo Paraná até Guayrá donde ao depois se transferiu para Assumpção.

Da sua viagem levantou um mappa de $1.18^m \times 0.79^m$ em que figuram 24 rios e fez uma descripção dos accidentes dos rios, portos, saltos e ilhas por onde passou e da pesca e caça que encontrou na região.

Sua mulher não seguiu por terra, demorou-se inda algum tempo no Brazil, indo depois em companhia de André Fernandes para Assumpção.

Os jesuitas que depuzeram no processo instaurado no Rio Paraná em 28 de abril de 1631 fazem carga cerrada áquelle governador dizendo que por inspirações suas e para tirar proveito dos escravos que iriam trabalhar na fazenda que elle possuia no Rio de Janeiro é que os pau-

listas se animaram a formar um grosso contingente e com este assaltar as reduções, accrescentando que D. Luiz os instigára para a aggressão, mas partira adiante para desviar a attenção dos jesuitas e evitar que elles se preparassem para o ataque e que da disposição das aldeias e de sua defeza elle mandou nota aos paulistas por Francisco Benites.

Referindo-se a André Fernandes dizem elles que foi o destruidor da redução de San Pablo e era «um dos maiores piratas e o mais cruel matador de indios que foi ao sertão». Affirmam ainda que André Fernandes entregou a D. Luiz um seu filho para que este se encarregasse da sua educação ecclesiastica no Paraguay. Azevedo Marques no titulo referente áquelle bandeirante confirma esta declaração, pois escreve que elle teve um unico filho, «o padre Francisco Fernandes de Oliveira, ordenado no Paraguay e que durante muitos annos foi vigario de Parnahyba.

D. Luiz, quer para poder apresentar documentos em sua defesa, caso fosse accusado nesse particular, quer para mostrar inteira isenção de animo sobre o estado de cousas de Guayrá, muniu-se em Santos e S. Paulo de documentos firmados pelas autoridades em que mostrava que sua

partida para o sertão estava fora de qualquer suspeita. Levou provisões firmadas pelo capitão-mór e officiaes da Camara de S. Vicente, capitão-mór e ouvidor de S. Paulo, pelos superiores dos jesuitas de S. Paulo, Conceição, Escada e S. Miguel de que não levava em sua companhia nem paulistas nem contrabandos. Ordenou que regresassem para S. Paulo um padre e diversos paulistas que tinham ido sem licença das autoridades, fez tambem testemunhar, sua chegada em Mbaracayú assim como as providencias que tomou em relação aos paulistas, e o «zeilo, limpeza, rectidão e fidelidade». com que procedeu para o proveito daquellas provincias onde até então não tinha ido governador algum.

Quer tivesse ou não D. Luiz incorrido nas increpações que lhe foram feitas pelas testemunhas de 1631, teve elle de prestar contas ao Vice-Rei do Perú, Conde de Chichon, que em carta dirigida á Côrte de Castella participou que a Audiencia de La Plata, procedeu contra D. Luiz Xeria por ter contribuido para, ou pelo menos deixado de impedir os factos que se deram em Guayrá. Nessa mesma carta o Vice-rei lembra tambem a ideia de comprar a Capitania de S. Paulo aos seus donatarios e por alli pessoa de confiança, ou então, caso não convenha a compra, man-

dar arrazar os povoados (1). O certo, porém, é que depois de sua partida de Guayrá para Assumpção, os paulistas, formando uma grande bandeira sob a direcção de Antonio Tavares, que levava como loco-tenentes 69 pessoas das mais qualificadas de S. Paulo, invadiram as missões na quaresma de 1629, conquistaram uma copia consideravel de indios catechizados, nas reduções de S. Antonio e Miguel, nos campos de Iguassú, Jesus Maria, em Taiobas, Encarnation, S. Xavier e S. José (2).

A relação que o padre Pastells apresenta das pessoas que tomaram parte nessa bandeira é a seguinte: Cabo da tropa Antonio Raposo Tavares, seu irmão Paschoal e seu sogro, Manoel Pires e dois ou tres filhos, Antonio Pedroso, Manoel Morato, Simão Alvares e quatro filhos, Fernando de Mello e seu genro, Manoel de Mello Coutinho, Pedro Moraes, Balthazar Moraes e dous genros, Diogo Domingos Salamanca, Francisco de Lemos, Pedro Coitinho, Simão Jorge e dois filhos, Onofre Jorge e um filho, Antonio Bicudo, velho, Francisco Proença e dois filhos, Matheus Netto e dois filhos, Gas-

(1) *Pe. Pastells*, obra citada, pag. 472.

(2) » » » » » 467.

par da Costa, Ascencio Ribeiro, Manoel Macedo, André Furtado Peixoto, Salvador de Lima, Gonçalo Pires, Antonio Lopes, Antonio Ração, Silva Sirgero, Amaro Bueno, filho de Amador Bueno ouvidor em S. Paulo, e um genro, Francisco Roldão e seus irmãos, Jeronymo e Francisco Bueno, Calixto da Motta e seu irmão Simão da Motta, Sebastião Fretes, Antonio Luiz Grã, seu filho e genro, João Rodrigues Bessorano, Geraldo Correia, dois filhos e genro, Estevam Sanches, Bernardo de Souza e seu cunhado, Ascencio de Quadros, Antonio Raposo o velho, com seus filhos João, Estevam e Antonio, Pedro Madeira e filho, Gaspar Vaz e seu genro, Balthazar Lopes Fragoso e cunhado, e Manoel Alvares Pimentel.

Eram todos elles pessoas das mais gradas de S. Paulo pela posição que occupavam e muitos delles bastante conhecedores do sertão por já haverem tomado parte na bandeira de Nicolau Barreto em 1603.

Nesse mesmo numero contava-se Simão Alvares que em 1627, era juiz, Antonio Raposo Tavares e Francisco Bueno, officiaes da Camara, Antonio Pedroso ex-capitão-mór de Santos, Calixto da Motta, tabellião; Antonio Bicudo, Ascen-

cio Ribeiro, Antonio Luiz da Grã, Geraldo Correia, Matheus Netto, Manoel Preto e Salvador Pires que tomaram parte nas bandeiras de Nicolau Barreto.

Diz o padre Antonio Ruiz, superior dos jesuitas das missões do Guayrá, que quando a bandeira chegou á redução de Jesus Maria, mandou o padre Christovam de Mendonça inquirir sob que titulo ou fundamento vinham fazer esse ataque, ao que Antonio Raposo que se dizia parente de D. Luiz respondeu «que vinha com o titulo que Deus lhe dava no livro de Moysés para debellar as gentes» accrescentando Antonio Pedroso e Francisco Rendon que «faziam essa guerra por ordens que lhe haviam dado no Brazil e que sua intenção era trazer de Hollanda o filho de D. Antonio e proclamal-o rei». Ou então, na phrase de Montoya: «Viemos expulsar-vos deste paiz porque elle é nosso e não do rei de Hespanha».

Após o grande choque soffrido em 1629, as missões tinham os seus dias contados. Nos annos seguintes foram destruidas as missões de S. Paulo, S. Xavier, Concepcion de los Gualaxos, Loreto, Santo Ignacio, Santa Maria Maior, e Natividade de Acaraig.

A occupação da parte ao norte do

Iguassú ultimou-se com a tomada de Villa Rica e Ciudad Real.

Depois, proseguindo na obra da conquista, as bandeiras atravessaram o Paraná, apoderaram-se das tres missões a oeste do rio Pardo, e da villa hespanhola de Santiago de Xerez e invadiram as reduções de S. Christovam, S. Joaquim e S. Anna, Natividade de Ararica, até que em 1638, completou-se a destruição das missões e povoados hespanhóes da margem esquerda do rio Paraná e da região oeste do Uruguay.

As tentativas feitas em 1641 para se apoderarem das novas reduções estabelecidas entre os rios Uruguay e Paraná foram infructiferas.

Os Jesuitas mais avisados e melhor aguerridos organizaram forte defesa e os paulistas foram batidos.

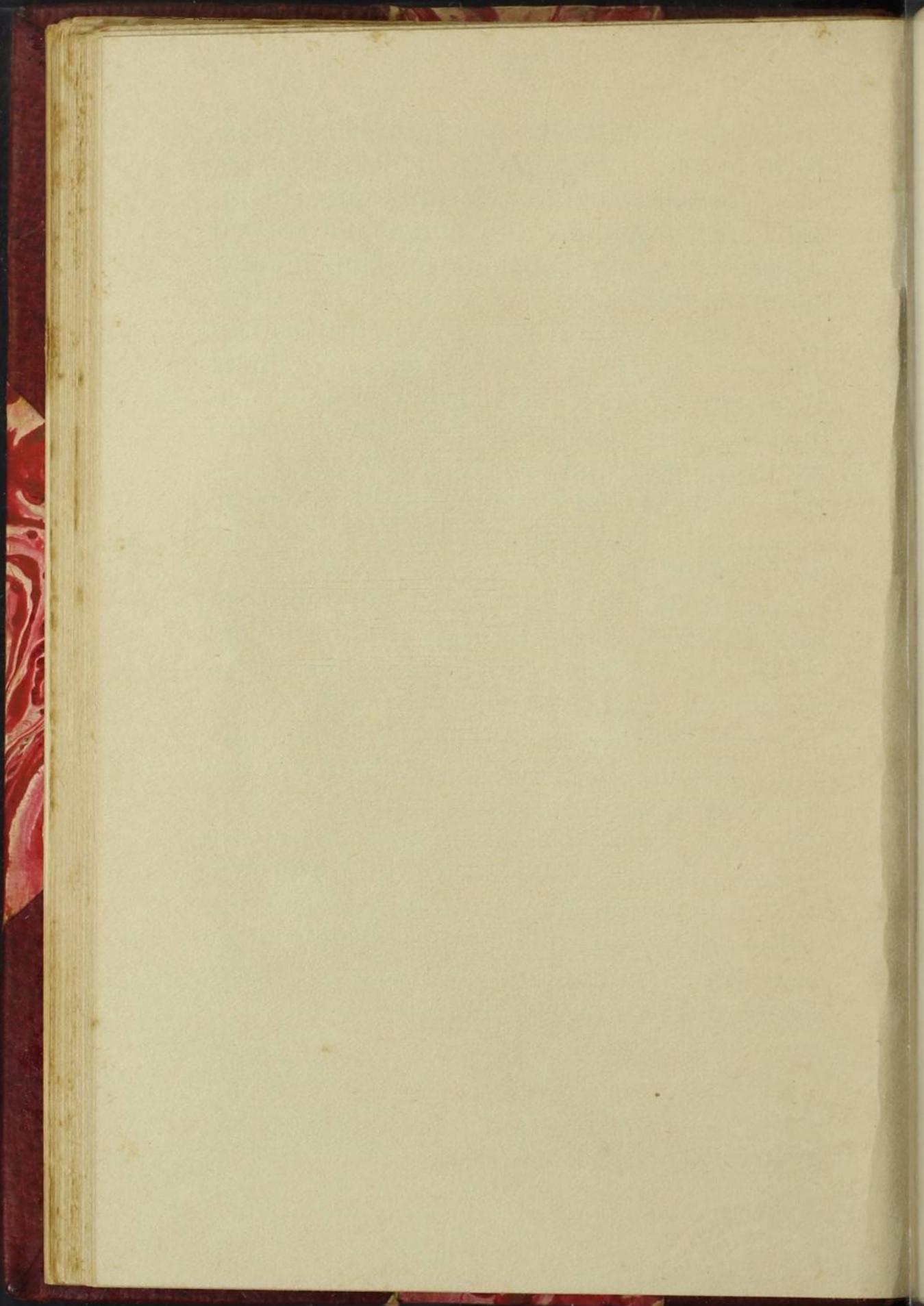
O territorio situado na margem esquerda do rio Paraná desde a barra do Tietê até a do Iguassú assim como o que ficava a leste do Uruguay e nas vertentes do littoral estavam inteiramente desimpedido.

Faltava uma occupação de natureza permanente para a incontrastabilidade da posse. Essa, porém, só mais tarde é que apparece com a tentativa de povoamento de S. Francisco, em 1654, por

Francisco Dias Velho que para lá se transferiu com a familia e 500 escravos, mas foi assassinado por um corsario inglez no tempo em que começava o seu estabelecimento retirando-se sua familia para S. Paulo.

Nos annos de 1682 e seguintes Domingos de Brito Peixoto e seus filhos estabeleceram-se na Laguna e dahi commecam a occupação e povoamento da zona que mais tarde, pela carta regia de 1738, foi desmembrada da capitania de S. Paulo para constituir governo independente.

Parte da alludida zona, occupada pela provincia de Guayrá, foi explorada em 1770, de ordem do governador de S. Paulo D. Luiz Antonio, pelo notavel ser-tanista Antonio da Silveira Peixoto, que foi aprisionado pelos hespanhóes em Curuguaty e esteve muitos annos preso em Buenos Ayres, e tambem por Bruno da Costa Silveira, Francisco Nuno Pereira, que falleceram no sertão e Affonso Botelho Sampaio que trouxe relato interessante e minucioso de toda a região, entre o Iguassú e o Paranapanema.



B

Bandeiras de Matto Grosso

Realizada a conquista dos povoados que constituíam as provincias de Guayrá e de Tape, dirigiram os paulistas as suas bandeiras para o norte do Paraguay, já invadido em épocas anteriores por outras bandeiras que proseguiram até o Perú e Cuyabá; sendo as mais notaveis, a de Antonio Castanho da Silva em 1618 que attingiu a região de Cuyabá; a de Antonio Raposo, em época approximada a 1626, que percorreu o rio Paraguay até suas cabeceiras, dahi atravessou para o Guaporé e desceu por elle, pelo Madeira e o Amazonas até o Pará; a de Luiz Pedroso de Barros, em 1660, que chegou até o Perú onde elle falleceu no lugar denominado Serranos.

Em 1670, Francisco Xavier Pedroso, entrou com grande exercito em Assumpção, mais foi repellido dalli por Andino que o desbaratou com perda de 870 homens. Dez annos mais tarde, em 1680, a bandeira chefiada por Francisco Dias Minard percorreu os sertões dos rios Ja-

guary, Ivinhema, Amambuhy e Iguatemy ao mesmo tempo que André de Frias, Jeronymo Ferraz e Gabriel Antunes Maciel faziam recuar até ao rio Jujuhy os padres Teatrinos que pretendiam tomar-lhes os indios conquistados.

Em 1682, Braz Mendes Paes, á frente de um terço de paulistas, invadiu as campanhas da Vaccaria onde encontrou um corpo de exercito de 300 soldados e acampado sob as ordens do mestre de campo do Paraguay e de quem recebeu proposta, para em documento publico assignalarem ambos que aquelle territorio pertencia á Coroa de Castella. Annuiu Braz Mendes ao convite, mas contra esse seu acto revolta-se Pedro Leme da Silva e a seu lado colloca-se todo o terço de soldados paulistas. Trava-se então o combate que termina pela derrota dos hespanhóes.

Nesse mesmo anno, Antonio Pires de Campos, penetrando por Minas attinge a região de Cuyabá e desce depois o Araguaya até a tapera dos Araes.

Alguns annos depois, em 1696, Gaspar de Godoy Collaço assignalava-se nas explorações e conquistas dos indios do sertão da Vaccaria, attingindo a cordilheira do Maracajú, e o rio Iguatemy nas proximidades do Paraguay.

Em 1720, Domingos Lourenço e João Leme percorrem desde Camapuam os mesmos sertões já alcançados pela expedição de Godoy Collaço.

Em 1730, Thomé Ferreira de Moraes e Antonio de Almeida Lara organizam bandeiras e atacam os indios Payaguás que assolavam a região da Vaccaria e os sertões da Parahyba.

Em meados de 1735, Antonio Antunes Maciel em execução da ordem regia de 6 de março de 1732, que mandava fazer guerra aos Payaguás, fazem completa destruição das malocas desses indios em toda a vasta zona que se estende do Camapuam até o sul da Vaccaria,

João Bicudo de Brito, em 1744, faz entradas na Vaccaria, percorre os rios Ivinhema e Iguatemy onde Manoel da Costa Meira faz roçar e estabelece sitio no anno seguinte.

Em 1753, Antonio de Almeida Falcão explora o rio Samambaia e descobre uma vereda para a Villa de Curumatim no Paraguay.

Em 1767, D. Luiz Antonio de Souza, capitão-general de S. Paulo, para effectivar a conquista dessa parte do sul de Matto Grosso e para evitar que os hespanhóes invadissem o territorio do Brazil, mandou fundar por João Martins

de Barros um posto militar e povoação no rio Iguatemy e a que deu o nome de Nossa Senhora dos Prazeres.

Essa povoação durou 10 annos até que foi invadida pelas forças paraguayas, que mandadas por D. Pedro de Ceballos, forçaram a capitulação dos paulistas. Somente 100 annos depois, quando terminou a guerra do Paraguay, é que foi esse povoado devolvido ao Brazil.

O mestre de campo Manoel Dias da Silva marchou com tropas portuguezas á sua custa de Goyaz a Cuyabá e dahi pelo sertão até á colonia do Sacramento que tinha sido invadida pelos castelhanos. No seu regresso pelos campos da Vaccaria encontrou um padrão de pedra lavrada em forma de cruz e com os seguintes dizeres em hespanhól; Viva El Rei de Castella, Senhor destas campanhas! e que elle fez substituir por outro em que se saudava D. João V como senhor dos Campos da Vaccaria!

São essas as principaes entradas havidas no sul de Matto Grosso e que comprehendem explorações nos valles dos affluentes da margem do Paraná direita entre os rios Pardo e Iguatemy.

As explorações da parte central e do norte de Matto Grosso ficaram por muito tempo esquecidas depois das entradas

feitas no começo do seculo XVII por Antonio Castanho e Antonio Raposo, até que em 1695 Antonio Pires de Campos, entrando por Minas, chegou á região dos Araes e nas proximidades de Cuyabá.

Quarenta annos mais tarde, em 1718, uma grande bandeira chefiada por Paschoal Moreira Cabral, acompanhando em parte o roteiro anteriormente seguido por Antonio Pires, chegou a Cuyabá, ahi descobriu ricas jazidas de ouro e fundou o centro da população, que mais tarde foi a séde da Capitania.

A noticia é transmittida para S. Paulo por Antonio Antunes Maciel que sobe o Taquary e o Coxim, desce o Pardo e, subindo o Paraná e o Tietê, vai até S. Paulo.

Rodrigo Cezar de Menezes, em 1726, faz o mesmo caminho, mas em sentido inverso.

Apezar dos trabalhos do ouro absorverem em grande parte o tempo dos paulistas, as explorações e as conquistas não cessam.

Em 1720, Antonio de Almeida Falcão explora o rio Arinos.

Em 1733, diversos missionarios entram no sertão dos Parecis, sendo possivel datar desse anno a occupação dos rios Sipotuba e Juarú. Nessa época tambem

ahi penetram as bandeiras do sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu que descobriram as minas de Matto Grosso, no rio Sararé.

Em 1734, Fernando e Arthur Paes de Barros continuam, á frente das bandeiras, a conquista dos Parecis e se dirigem mais para o poente nas proximidades do rio Galva, affluente do Guaporé e que tem suas nascentes nas fraldas da chapada de S. Francisco Xavier, dahi passam para o rio Macaboré, descobrem o ribeirão S. Anna, Conceição e Brumado, onde encontram jazidas de ouro. Com estas descobertas foi achado tambem por terra o caminho entre o rio Paraguay e Cuyabá em 1736.

Em 1735, Theodoro Nobre e Angelo Preto abrem o caminho de Cuyabá a Goyaz pelo divisor das aguas do Amazonas e Prata.

Em 1737 descobre-se o rio Angra affluente do Guaporé.

Em 1742 uma expedição chefiada por Manoel Felix de Lima desce o Guaporé, o Madeira e o Amazonas até o Pará.

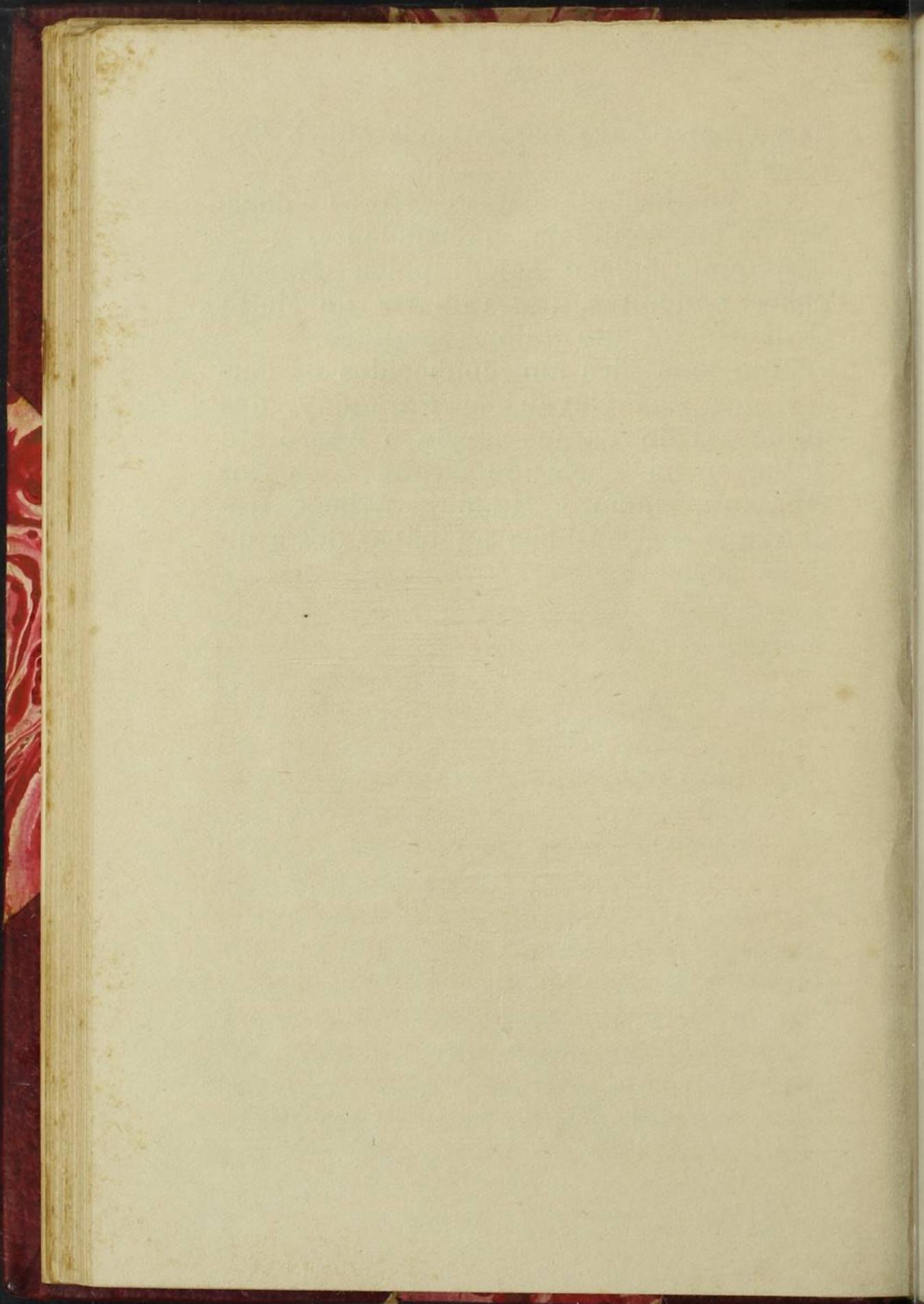
Em 1747, João de Souza Azevedo embarca no Cuyabá, desce por elle até o Paraguay pelo qual sobe até a cabeceira do Sipotuba, vára para o Sumidouro e

desce por este e pelo Arinos até o Tapajós.

No anno seguinte Matto Grosso é constituido em capitania independente.

A contribuição geographica trazida pelas bandeiras nessa parte de Matto Grosso é de alto valor scientifico.

Com ella ficaram conhecidos os cursos dos rios Cuyabá e Paraguay, dos affluentes do Paraná desde o Aporé até o Pardo na bacia do Prata, e os rios Guaporé, Mamoré, Madeira, Arinos, Araguaya e o Amazonas na bacia deste ultimo rio.



C

Bandeiras Goyanas

O movimento de expansionismo no territorio goyano no decorrer do seculo XVII foi bastante accentuado e as bandeiras attingiram os pontos mais remotos daquelle sertão.

Goyaz fora o berço das tribus Guayanazes que outróra habitavam S. Paulo, e para onde voltaram, conforme refere Anchieta na carta ao padre Diogo Laines, de 8 de janeiro de 1565. Os paulistas mestiços daquellas tribus tinham dellas a linguagem e os costumes e por isso mais facilidade de entrar nos sertões goyanos que em qualquer outro do paiz.

Antonio Pedroso de Alvarenga perlustrou em 1616 cerca de 300 leguas daquelle sertão, mais tarde Paschoal Paes de Araujo fez ahi entradas para capturar indios com os quaes fundou fazendas no sertão de Pernambuco, sendo seu exemplo posteriormente seguido por Francisco Dias de Siqueira, João Peres de Brito, Domingos Jorge e outros que povoaram os sertões da Bahia e Piauhý, como diz o dr.

Diogo de Vasconcellos na sua *Historia Antiga de Minas*.

O sorocabano Manoel Correa, em epoca posterior a 1653, chegou ás margens do Araguaya, nas regiões dos Araes.

A Manoel Correa seguiram outros bandeirantes que possivelmente incidiram sobre os mesmos pontos percorridos pelas primeiras expedições e de que infelizmente não nos resta mais do que uma simples referencia. Sabe-se que aquelle sertão bem como as suas confinancias com Matto Grosso, foram pisados tambem pelas bandeiras do Capitão-Mór Francisco Lopes Benavides, Francisco Ribeiro de Moraes que falleceu no sertão, Jeronymo Bueno, sobrinho de Amador Bueno, João Martins Heredia, Antonio Ribeiro Roxo, Antonio Fernandes de Barros, Francisco Sutil Cid e João de Lara.

João Teixeira Dormundo e Sebastião Paes de Barros atravessaram os sertões goyanos nos meados do seculo XVII e demoraram-se algum tempo no valle do Tocantins, nas proximidades do Maranhão.

A entrada mais interessante, porém, foi a primeira que nesse territorio fez em 1682 Bartholomeu Bueno da Silva o Anhanguera, que chegou até o territorio dos Aracys, situado no Araguaya, segundo

uns e no Xingú, segundo outros, e onde descobriu as minas do Martyrio.

Na segunda expedição que fez, Anhanguera levou seu filho Bartholomeu Bueno, de 12 annos de idade, passou por Anicuns e chegou até as margens do rio Vermelho.

Data o povoamento de Goyaz da entrada que fizeram o filho e o genro de Anhanguera, Bartholomeu Bueno e João Leite da Silva Ortiz. Esta expedição, em que iam dois frades franciscanos, artifices com armas de fogo e cerca de duzentos exploradores, alcançou o rio dos Pilões, Claro e Rico, tributarios do Araguaya, vagou perdida nas mattas por innumerous sertões até que finalmente após tres annos de muitos soffrimentos regressou a S. Paulo, trazendo como resultado amostras de ouro das minas que descobriu.

Quando essa bandeira estava nas proximidades do ribeirão da Meia Ponte, dellas desligou-se o Alferes José Peixoto da Silva Braga, que resolveu descer até o Pará em companhia de tres expedicionarios e 16 escravos. A viagem foi cheia de peripecias e soffrimentos e realizou-se pelos rios Maranhão e Tocantins até o Pará onde foram presos como desertores da bandeira de Anhanguera:

Após essa expedição do segundo Anhanguera, congregaram-se novas bandeiras, que se internaram no desconhecido em procura de minas de ouro.

Em 1732, Antonio Ferraz de Araujo fundou o Arraial de Sant'Anna na occasião em que avançava para o sertão com uma numerosa bandeira em perseguição dos indios Cayapós. Nesse mesmo anno Manoel Fernandes Thomaz descobriu as minas de Agua Quente, 60 leguas ao norte de Villa Boa.

Em 1736, João da Veiga Bueno e Amaro Leite marcharam para o sertão, em rumo de sudoeste ate o rio Cayapó, e ahi, como divergissem sobre a orientação a seguir, scindiu-se a bandeira que desdobrou-se em duas expedições: Amaro desceu um braço do Rio Grande, onde sua tropa foi quasi dizimada pelas febres, o que lhe fez dar ao rio o nome de rio das Mortes. Bueno tomou rumo que se ignora.

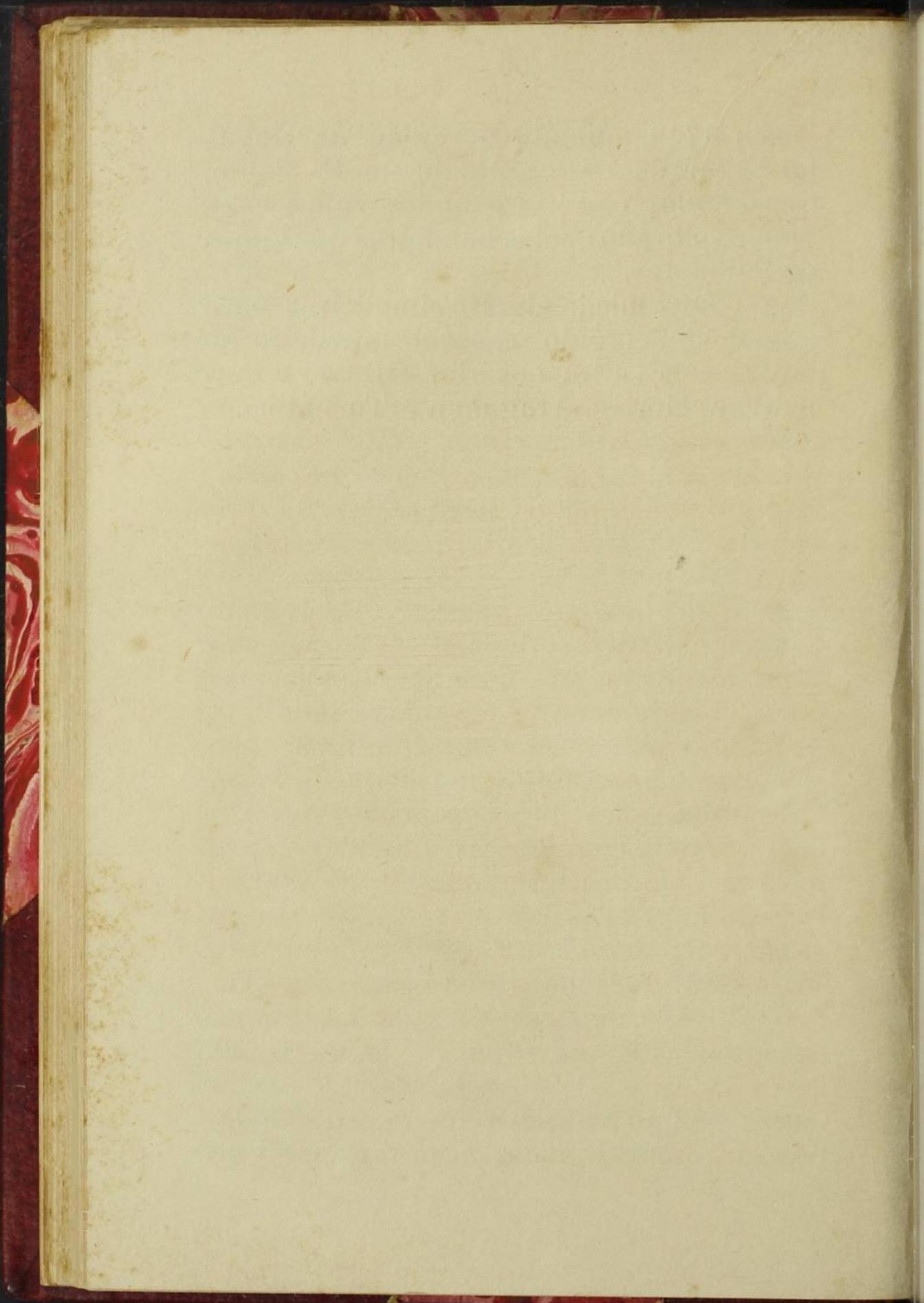
Em 1741, João de Godoy Silveira destróe as aldeias dos indios Tapirapas no Araguaya e descobre as minas de Pilar.

No anno seguinte, Antonio Pires de Campos arrasa as aldeias dos indios Cayapós, situadas ao norte do rio Grande e ao sul de Villa Bôa.

Em 1746, Antonio Bueno de Azevedo descobre as minas de S. Luzia.

Em 1749, quando a região de Goyaz foi separada da Capitania de S. Paulo, quasi todos os seus grandes valles estavam explorados pelas bandeiras que vimos de enumerar.

A contribuição dessas bandeiras para o conhecimento do *interland* brasileiro refere-se aos valles dos rios Grande e Parahyba, Mortes, Araguaya e Tocantins.



D

Bandeiras Mineiras

Antes da occupação do sul do continente e quando ainda a costa estava em exploração para a escolha do local que servisse de assento ao primeiro povoado, já emprehendiam os povoadores as primeiras tentativas para a descoberta do ouro.

E' que elles não podiam comprehender a existencia de um paiz que não contivesse em seu ambito ricas jazidas do apeteuido minerio e que as tribus que o habitavam deixassem de empregal-os nos esplendores dos seus templos e no aformoseamento dos seus adereços.

O Mexico com o ouro dos Atzecas e o Perú com a riqueza dos Incas deviam ter similes em todas as regiões americanas.

As tentativas para conseguir a posse dessas riquezas estavam talhadas a multiplicar-se até que o exito viesse coroar os esforços.

Por isso o mallogro da expedição de Cananéa não impediu a organização de

outras diligencias com o mesmo proposito; mas fez preferidos outros pontos para o inicio da penetração do territorio.

Entre a incerteza de fazer a entrada por Porto Seguro, como foi tentada com a expedição de Spinoza em 1553 e de D. Vasco Rodrigues Caldas em 1562, ou de continual-a por S. Vicente, donde houve noticia algum tanto animadora com a descoberta das minas de Jaraguá, em 1562, por Braz Cubas e Luiz Martins, deram preferencia a Porto Seguro, talvez por ser mais perto da séde geral do Governo, que era a Bahia.

Succederam-se então a expedição de Martin de Carvalho em 1570, que ia seguido pela lenda do Sabarabussú e que abriu caminho ás duas bandeiras de Sebastião Tourinho que entraram em 1572 por Porto Seguro e em 73 pelo rio Doce; a de Antonio Dias Adorno, neste ultimo anno; a de Gabriel Soares pelo Paraguassú em 1580; a de D. Francisco de Souza, que penetrou em companhia de Roberio Dias em 1590 e a de Diogo Martins Cão em 1596.

Emquanto essas tentativas dirigidas todas para o interior do paiz terminavam quasi que sempre em desanimo e mallogro, Affonso Sardinha, na Capitania de S.

Vicente começára a fazer extracções de ouro das minas do Jaraguá, Buturuna e Jaguamimbaba. Por esse motivo as explorações foram transferidas para esta ultima Capitania.

D. Francisco dirigiu-se para S. Paulo onde movimentou a organização de bandeiras que seguiam rumo do tão almejado Sabarabussú e que marcam a data da entrada das bandeiras paulistas nos sertões do S. Francisco.

Nicolau Barreto em 1601 e André de Leão em 1602, embrenharam-se pelos sertões do Parahyba (rio dos Sorobis), atravessaram a Mantiqueira e penetraram pelo valle do S. Francisco sem poderem descobrir os metaes que procuravam,

Gonçalves Laço e Francisco Proença subiram pelo Sapucahy e, atravessando o sertão, foram sahir em Embahú com resultado negativo nas pesquisas do ouro.

O insuccesso de S. Paulo não desanimou os governadores coloniaes; ao contrario, redobraram de esforços e fizeram novas tentativas para conseguir os desejados descobrimentos.

Resolveram atacar a região sertaneja por tres pontos differentes. Por S. Paulo, em 1607-8, com Belchior Dias Carneiro, cuja bandeira foi depois da sua morte

dirigida por Antonio Raposo (o velho); pelo Espirito Santo com as de Marcos de Azevedo em 1612 e de seus filhos Antonio e Domingos em 1633; pela Bahia com a de Melchior Moreira em 1618, e a de Francisco d'Avila em 1613.

Mas essas tentativas ou davam esperanças pouco animadoras ou produziam resultados quasi negativos.

Nos governos de Salvador Correa e Agostinho Barbalho novas diligencias foram feitas e organizadas outras expedições sem que dellas se colhesse ao menos a certeza da existencia de tão procurado metal.

O desanimo começava a invadir os proprios governadores do norte. D. Diogo de Menezes ha muito que escrevera ao Monarcha que as verdadeiras minas do Brazil eram o assucar e o páo brazil de que a corôa tirava tanto proveito sem dispendio de um vintem, e o Conde de Obidos, descrendo já dos resultados dessas expedições, informava que se devia negar os auxilios pedidos por Agostinho Barbalho para fazer esses descobertos.

D. João IV resolveu então fazer um appello aos paulistas, cujas entradas no sertão para *descerem* indios contavam-se ás centenas. Todo o sul do Brazil, os grandes valles dos affluentes do Prata,

do Amazonas, os sertões da Bahia, do Piauí, de Pernambuco já tinham sido perlustrados por suas bandeiras.

Eram os únicos sertanistas capazes de resolver o problema que havia um século torturava a Metrópole.

O apelo era feito por cartas firmadas do real punho; nellas se pedia o auxilio e se promettiam honras e recompensas. Não era preciso tanto para movimentar quem estava tão afeito ás lides do sertão.

Organizam-se então bandeiras conduzidas pelos mais notaveis sertanistas que se dirigem ao sertão do Sabarabussú com o firme proposito de descobrir os metaes ou morrer no sertão.

Fernão Dias Paes, Mathias Cardoso, Garcia Rodrigues, Borba Gato, Antonio Gonçalves, Antonio Cunha e Francisco Ribeiro partem com a primeira bandeira, vencem mil difficuldades, luctam durante annos em meio do desconhecido, soffrem as provações mais amargas, as necessidades mais apertadas; da sua entrada nos sertões do Paraopeba, nasceu, porém, a certeza da existencia do ouro que incitára tanta cobiça e tanto trabalho perdido durante um século.

Abriu-se então o caminho para as minas e dahi por diante as bandeiras Paulistas e Taubateanas invadiram no ultimo quar-

tel do seculo XVII e nos primeiros lustros do seculo XVIII todos os valles das Geraes.

Contam-se por centenas as bandeiras que para lá se dirigiram. Enumeral-as, contar seus transes, descrever seus itinerarios, seria repetir o que em bem elaboradas demonstrações já o fizeram os drs. Antonio Olyntho, D. Pereira Ribeiro de Vasconcellos, Diogo de Vasconcellos, Orville Derby e Bazilio de Magalhães. Exaltar seu valor, realçar seus feitos, seria incidir nas apologias que em versos traçaram Claudio M. da Costa no poema *Villa Rica*, Olavo Bilac no *Caçador das Esmeraldas* e Baptista Cepellos nos *Bandeirantes*. Descrever as scenas do grande drama de que Minas foi palco, seria imitar o que Carlos de Góes diz no seu drama *Governador das Esmeraldas*.

Enumerar os accidentes topographicos percorridos pelas bandeiras em sua marcha é patentear o proveito que ellas trouxeram para o estudo da Geographia. Para esse fim, basta citar os valles dos affluentes do rio Grande e do S. Francisco, o do rio Doce, Jequitinhonha e os dos demais rios que desaguam no Oceano entre estes dois ultimos cursos, que foram todos elles o campo da esforçada acção dos bandeirantes.

E

Bandeiras do Norte do Paiz

A serie de bandeiras que enveredaram para o norte do paiz pode ser estudada sob tres aspectos differentes e que correspondem á preocupação que deu nascimento a umas e outras; feitorias agricolas—expulsão dos hollandezes que occupavam Pernambuco—pacificação das zonas agitadas por malocas de indios e quilombos de negros que em suas correrias traziam serios embaraços á expansão civilizadora nessas regiões.

Tres directrizes marcam essas penetrações no norte do paiz; por Goyaz, que foi o caminho frequentado desde 1616 e cujo roteiro era feito descendo pelo Tocantins; por Minas seguindo o valle do S. Francisco por onde marchou em 1646 uma das tropas que foram em soccorro de Pernambuco; e por via maritima, até o ponto da costa proximo da zona onde iam operar.

As primeiras bandeiras de que se tem noticia, são as de Antonio Pedroso de Alvarenga em 1616 e Paschoal Paes de

Araujo, Sebastião Paes de Barros, Francisco Dias de Siqueira, João Pires de Brito e João Teixeira Dormundo já referidos nas bandeiras Goyanas e que penetraram pelo Tocantins nos sertões de Pernambuco e ahi fundaram fazendas.

Em 1640 partiu de Santos o pelotão de infantaria que foi em soccorro de Pernambuco na occasião da guerra com os holandezes e de que era commandante D. Francisco Rendon de Quevedo, e capitães Luiz Pedroso de Barros, Diogo da Costa Tavares, Manoel Fernandes de Abreu, João Paes Florião e Antonio Raposo Tavares que com a retirada de D. Francisco no Rio de Janeiro, assumiu o commando das tropas.

Em 1646-47, partiram outros pelotões de soccorro para Pernambuco, sendo um delles, de 200 soldados que seguiu por terra e outro de 2.200 soldados e indios que foi por via maritima.

Desde os começos do seculo XVII e durante a occupação hollandeza, os indios do Reconcavo na Bahia em grandes hordas, faziam continuas excursões pelos valles do Paraguassú, Jaguaripe, Juquiricá e destruiam as habitações e cultivados, matavam os moradores e exerciam uma acção de verdadeiro extermi-

nio nas Capitánias de Ilhéos e Porto-Seguro.

Os governadores Antonio Telles da Silva, Conde de Villa Pouca de Aguiar, Conde de Athouguia e Francisco Barreto tentaram debellal-os em diversas batidas que organizaram.

Vendo a improficuidade dos recursos locaes, o governador Alexandre de Souza Freire em 1663 resolveu pedir o concurso dos Paulistas para a extinção daquella tribu.

Ao convite acudiram Pedro Vaz de Barros e Estevão Bayão Parente que embarcaram em Santos em maio de 1671 e chegando á Bahia penetraram o sertão e conseguiram grandes victorias, contra aquelles indios.

Seus feitos de armas mereceram grandes encomios daquelle governador em officios dirigidos á Camara de S. Paulo e á Relação da Bahia em que se agradecia e elogiava o serviço prestado por aquella bandeira.

Quasi ao mesmo tempo que o sertão da Bahia se via atormentado com as hordas selvagens, Pernambuco e Alagoas soffriam a oppressão dos negros de Palmares e o Rio Grande do Norte supportava um grande aperto com a insurreição de indios.

Os Palmares havia 40 annos que traziam em completa agitação as villas de Porto-Calvo e Alagoas. Innumeras e infructiferas foram as investidas que desde Francisco Barreto fizeram os demais governadores contra aquelles quilombos.

Pareciam irreductiveis ás expedições que contra elles partiram commandadas por Manoel Lopes Galvão, Fernão Carrilho e Freitas Cunha.

Para exterminar de vez esses quilombos era mister um homem cuja energia equivallesse á resistencia daquelles negros.

Apontou-se como unico capaz desse feito ao paulista Domingos Jorge que já se havia assignalado em commetimentos semelhantes contra os indios dos sertões do Piahy, onde estabelecera cerca de 50 fazendas e devassára os sertões até os confins do Maranhão.

Domingos Jorge acceitou o convite e assignou um contracto com o governador de Pernambuco, e em meados de 1691 partiu de Piancó onde estava sitiado, em direcção aos Palmares aonde chegou em novembro do mesmo anno.

Alliando-se ás forças que tinham sido enviadas pelo governador Mello e Castro e sob as ordens de Sebastião Dias e Vieira de Mello e que perfaziam um total de 7.000 homens, deu uma serie de comba-

tes durante quatro annos até que finalmente viu cahir em 1695 o ultimo reducto de Palmares que cerca de meio seculo tanto agitou a vida de Pernambuco.

Em recompensa aos serviços prestados foi mandado dar, por carta regia de 23 de março de 1702, terras isentas do dizimo por cinco annos, na villa de Anadia, sertão de Alagoas, aos paulistas pacificadores de Palmares.

Emquanto Domingos Jorge se occupava com a conquista dos Palmares a redução dos indios do sertão da Parahyba, do Piauhy, do Ceará, do Rio Grande do Norte que até então estava a seu cargo ficou sob a incumbencia de Mathias Cardoso.

Para desempenhar-se da missão partiu Cardoso de S. Paulo levando em sua companhia Antonio Gonçalves Figueira e João Amaro Maciel Pequeno e um grande contingente de escravos. Entraram pelo norte de Pernambuco e após cinco annos de continuos combates conseguiram a destruição de todas as aldeias em guerra.

Mathias Cardoso afazendou-se nos sertões do rio S. Francisco donde não mais voltou a S. Paulo. Figueira levantou engenho em Brejo Grande nos sertões do rio S. Francisco, conquistou os indios

dos rios Veado e Pardo e fundou nos valles desses rios as fazendas de Jahyba, Olho d'Agua e Montes Claros. João Amaro, após ter conquistado os Guerens, percorreu os sertões de S. Francisco que ficam ao poente desse rio e norte da Bahia, destruindo aldeias e aprisionando indios ao mesmo tempo que abriu estradas para estabelecer o commercio do interior com a séde da Capitania.

Além dessas bandeiras de pacificação e povoamento, notam-se outras como a do mestre de campo dos paulistas, Manoel Alvares de Moraes, residente no Assú que combateu os Tapuyas Payacús na Parahyba e Ceará em 1700; a de Sebastião Rodrigues que vadeou o sertão por mais de dez annos e as de Sebastião Pinheiro e Antonio de Almeida Lara que descobrem e exploram ouro no rio das Contas, na Bahia.

A contribuição trazida por essas bandeiras e que aproveita a geographia do paiz, refere-se aos valles dos rios S. Francisco e Parnahyba e demais affluentes do littoral situados entre aquelles dois rios.

*
**

Terminada esta ligeira enumeração das bandeiras e do seu trabalho, só nos resta mostrar os proveitos que advieram desse movimento para o estudo da geographia.

Para esse effeito, reproduzimos parte do que já dissemos no relatorio que apresentamos ao 2.º Congresso Brasileiro de Geographia e onde estudamos a evolução da cartographia desde os primeiros tempo coloniaes até a actualidade.

E' um trabalho feito para fim differente mas que se justapõe tambem, como conclusão do estudo das bandeiras.

«E são essas as viagens ou bandeiras que concorrem nos primeiros seculos da nossa vida, para as imperfeitas descrições do paiz ou para a insipiente cartographia colonial aproveitada quasi exclusivamente na representação do campo da actividade dos Jesuitas.

Se bem que em 1626 toda a costa do Brazil tenha sido levantada de modo irreprehensivel e sob orientação scientifica pelo astrónomo João Teixeira, comtudo, só no começo do seculo XVIII é que se começou a applicar egual methodo para os levantamentos do interior do Paiz.

O jesuita Fritz publica uma carta do Amazonas que Condamine corrige e depois amplia com a costa até Cayenna; Relli opera numa parte do sul do paiz; os jesuitas Carbone, Capaci e Diogo Soares, são encarregados pelo governo de proceder a levantamentos nas capitânicas do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, no Rio da Prata e na colonia do Sacramento. Aparecem posteriormente os trabalhos dos brigadeiros José de Oliveira, José da Silva Paes e os das commissões nomeadas pelos tratados de 1751 e 1777 que levantam a faixa da fronteira, uma parte do centro do paiz e grande numero dos rios da bacia do Amazonas e do Paraná.

Os proprios capitães-generaes, imitando o exemplo da metropole, tratam de levantar os mappas das capitânicas da sua jurisdicção, parcelladamente ou no todo. Em Matto-Grosso, José Gonçalves Ferreira, o alferes de dragões Pedro de Mello e o proprio capitão-general d. Antonio Rollim de Moura, delineiam os primeiros traços do mappa da capitania. Em S. Paulo d. Luiz Antonio de Souza encarrega o brigadeiro Sá e Faria de construir uma carta que abranja a costa desde a Bertioga até o Rio da Prata, a linha da fronteira até a altura de Cuya-

bá, comprehendendo no detalhe do interior grande copia de dados sobre a região. João Ferreira da Costa, Montezinho e D. Luiz, bosquejam igualmente outros mappas parciaes do paiz.

No Espirito Santo, o conde de Azambuja manda confeccionar a Carta Chorographica, Silva Pontes organiza do mesmo modo outra carta dessa Capitania; no Rio Grande do Norte, no Maranhão, no Ceará, no Piauhy, em Minas e em Goyaz, o padre Montenegro, José Patriçio, Antonio Veiga, Silva Paulet, Gauluzi, Crommerberger, Eschwege, general André, Thomaz de Souza, etc., esboçam os cursos dos grandes rios, orientam as serras geraes, distribuem os povoados e elaboram as primeiras cartas das Capitánias.

Como melhor contribuição, apparecem depois os trabalhos de Diogo Soares, Colombina, Corte Real, Silveira Peixoto, Montezinho, Chagas Santos, padre Codeo, Fernando Portugal, Spix e Martius, onde se inclue mais de uma capitania, representa-se grande parte do paiz.

Estava feita a obra de detalhe, levantada com o rigor compativel com época e com a arte, faltava reunil-os em uma só carta.

Põe-se á frente da empreitada o brasileiro dr. Antonio da Silva Ponte, que aproveita o material existente, corrige os defeitos, preenche as lacunas, e organiza a carta comprehensiva de toda a região.

A publicação da carta inicial não trouxe nem poderia trazer as ultimas linhas sobre a representação de tão grande paiz.

Por isso mesmo as contribuições parcelladas continuam, as provincias substituindo as capitancias, tratam de organizar o mappa do seu terreno e como sequencia natural, apparecem em todas ellas contribuições de maior valia.

Em S. Paulo publica-se a carta de Daniel Pedro Muller e a Carta Chorographica da Provincia, que abrange a parte sul do Brasil e em que se incluem os levantamentos de João da Costa Ferreira, Francisco Barboza, Montezinho, Candido Xavier, Lacerda e demais membros da Commissão demarcadora de 1752.

A egual empreendimento se propõem: Bulhões, Bellegarde e Niemeyer no Rio de Janeiro, Krauss no Espirito Santo, coronel Serra, brigadeiro Molle e Francisco de Souza Martins na Bahia; Mattos Nunes, em Pernambuco; João Bloem em Sergipe; Krauss e Mornay, em Alagoas; Mathias Pereira,¹ Guillobel, Rodrigo Lopes e Costa Ferreira no Maranhão; Carlos

Bleiss, em Parahyba; Felippe Ferreira, no Rio Grande do Norte; Teberge, no Ceará; Gerber e Rocha, em Minas e Cunha Mattos em Goyaz.

Tanto material novo implicava tambem a coordenação de outra carta geral mais completa.

A lista dos que se encarregam de fazer-a, é composta de geographos de valor. Começa em Niemeyer, prosegue com Krauss e Werneck, Candido Mendes, Ponte Ribeiro, Sculli, Duvotenay, Colton, Rio Branco, etc., e termina nos nomes de Homem de Mello e Theodoro Sampaio, escriptos nos — «Atlas do Brasil» — e em que se incluem os ultimos e os mais minuciosos dados sobre a Chorographia do paiz.

A evolução da Geographia vae numa progressão crescente.—Sciencia de detalhe, seu termo é infinito; quanto mais se explora o terreno, tanto mais se diminue o denominador das escalas nas plantas; quanto mais minudencias inserta, mais rigor exige nos caminhamentos.

Das ultimas décadas da monarchia até a época actual, seu movimento é de grande celeridade, sua conquista ultrapassa as previsões.

Em S. Paulo, como marco milliarario para as explorações modernas, cria-se

em 1886 a Commissão Geographica e Geologica que se incumbem de levantar a carta da Provincia na escala de 1.100.000 com representação da configuração do terreno por meio de curvas de nivel equidistantes de 25 metros e que se encarrega igualmente do estudo da Geologia, da Flora e da Meteorologia.

Após S. Paulo vem Minas, que cria igualmente seu serviço geographico, cujo plano, com pequenas modalidades, e igual ao da commissão paulista e publica dez folhas daquelle Estado.

O governo federal tambem faz apparecer o empenho da sua acção em prol da cartographia. O estado maior do exercito inicia no Rio Grande do Sul os trabalhos da grandiosa obra do levantamento da carta geral; o Serviço Geographico e Mineralogico accumula valiosos levantamentos em regiões que interessam ao Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná, Minas, Goyaz, Bahia, Matto-Grosso, Sergipe, Pernambuco, Ceará, Piauhy, Maranhão e Pará.

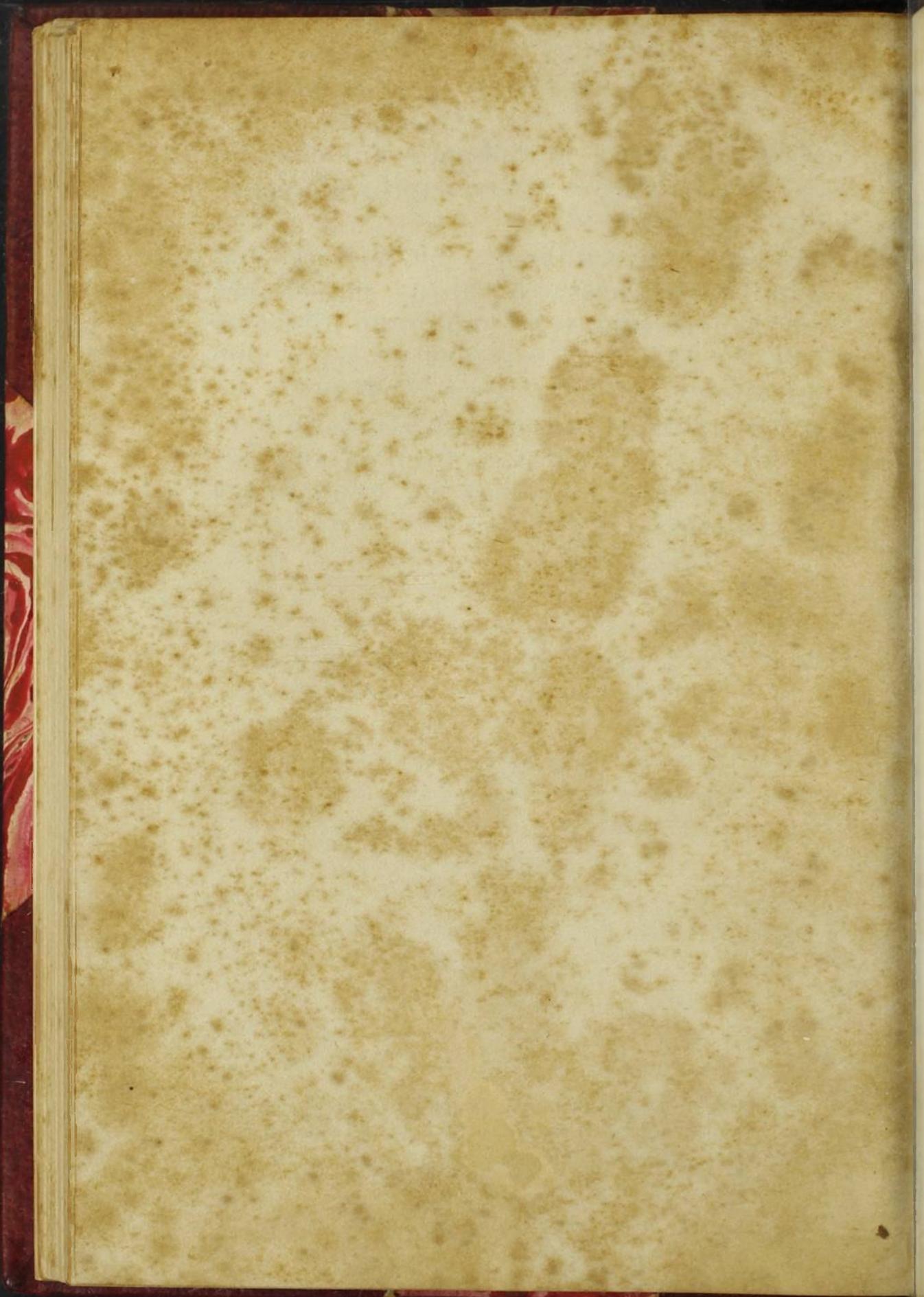
Antes desses trabalhos as commissões encarregadas do levantamento da carta do Districto Federal, e dos estudos do planalto goyano, as commissões demarcadoras da fronteira, as turmas de exploração das estradas estrategicas e das es-

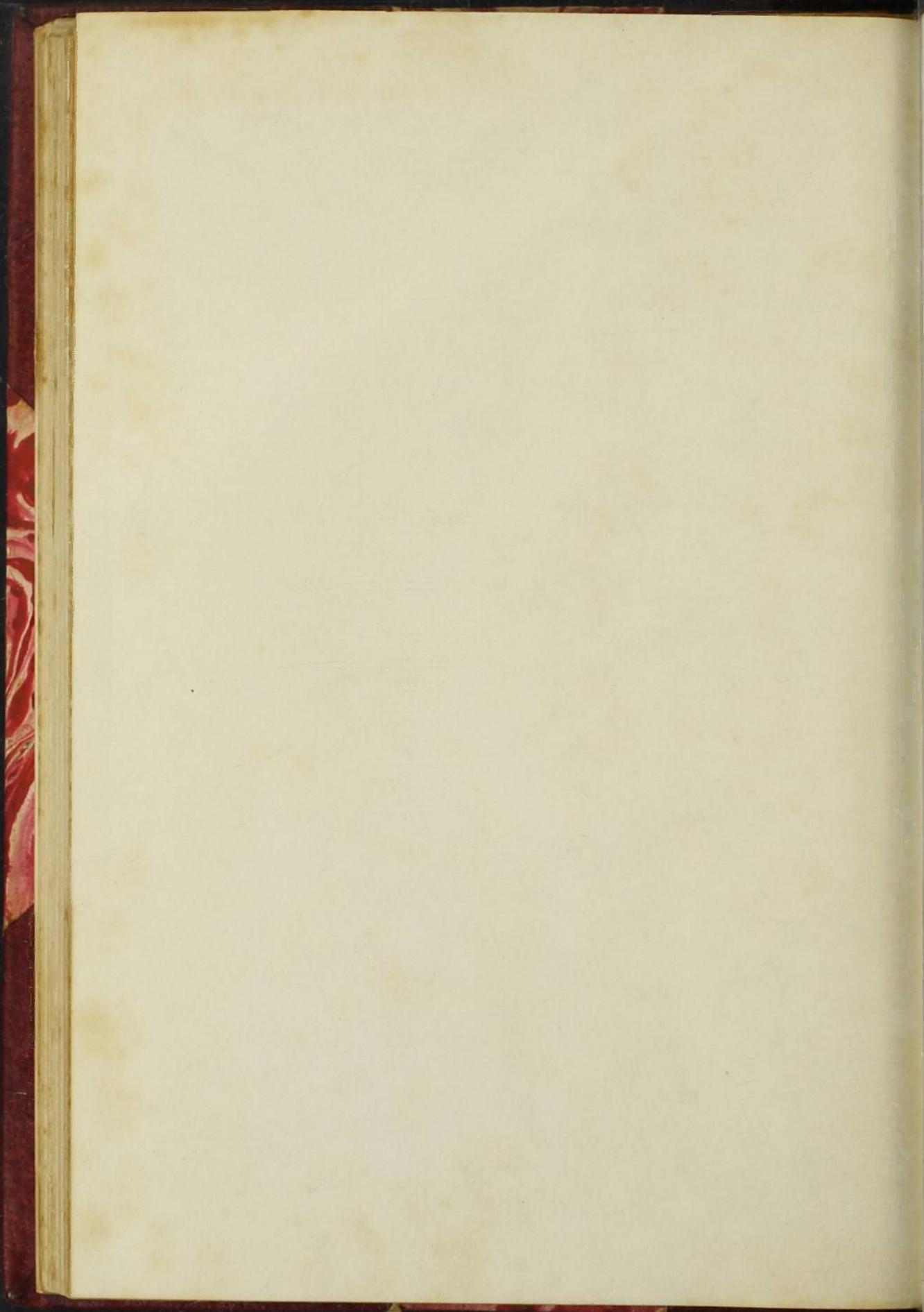
tradas de ferro, já tinham reunido valiosas contribuições para aproveitamento cartographico.

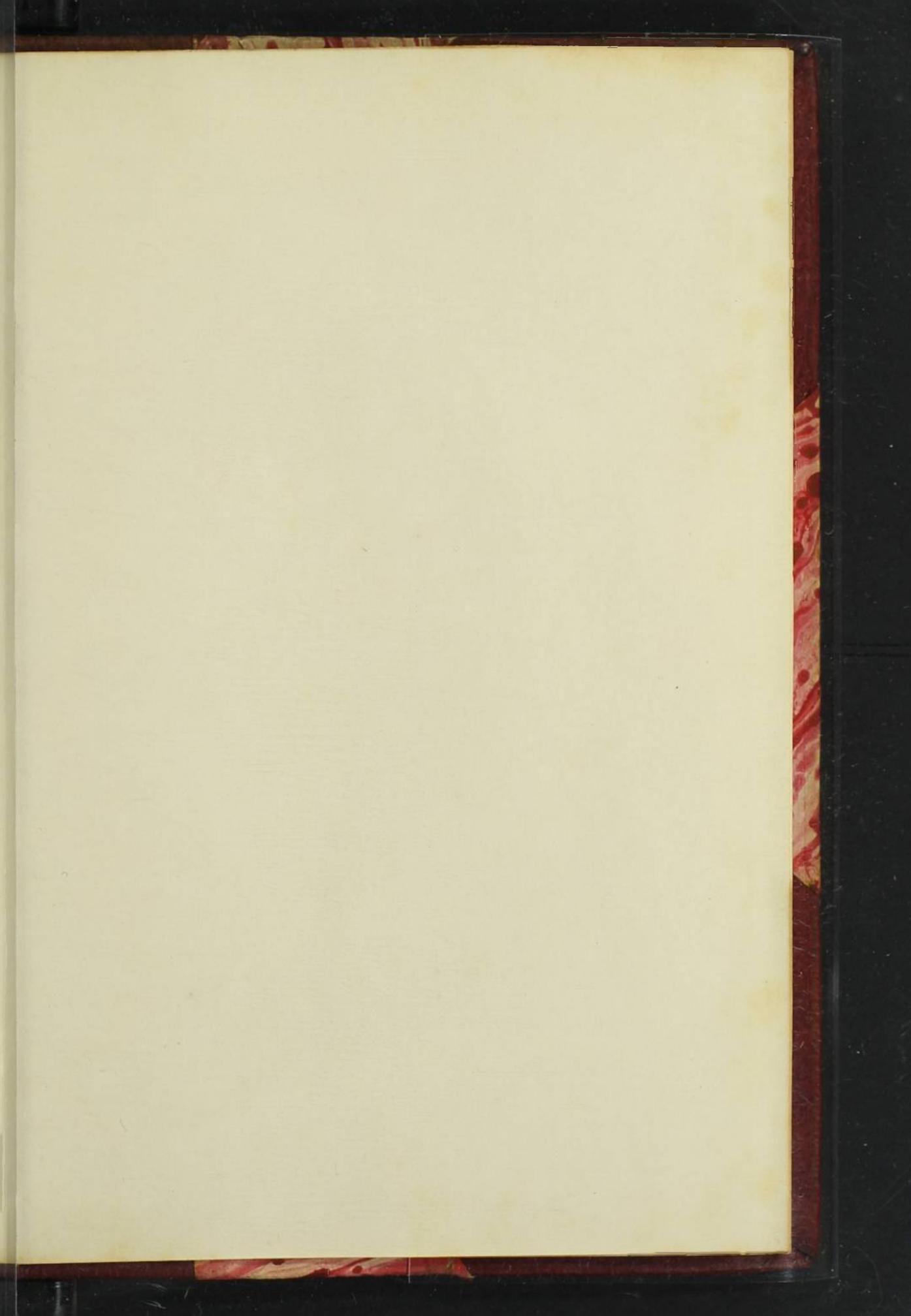
Concorrem tambem como maiores colaboradores dessa obra, as expedições scientificas que tem explorado diversos rios do paiz e as estradas de ferro que levantando grandes areas das zonas de penetração das suas estradas, determinam a posição dos lugares, formam o *canevas* onde se irão calcar as explorações expedictas» (1).

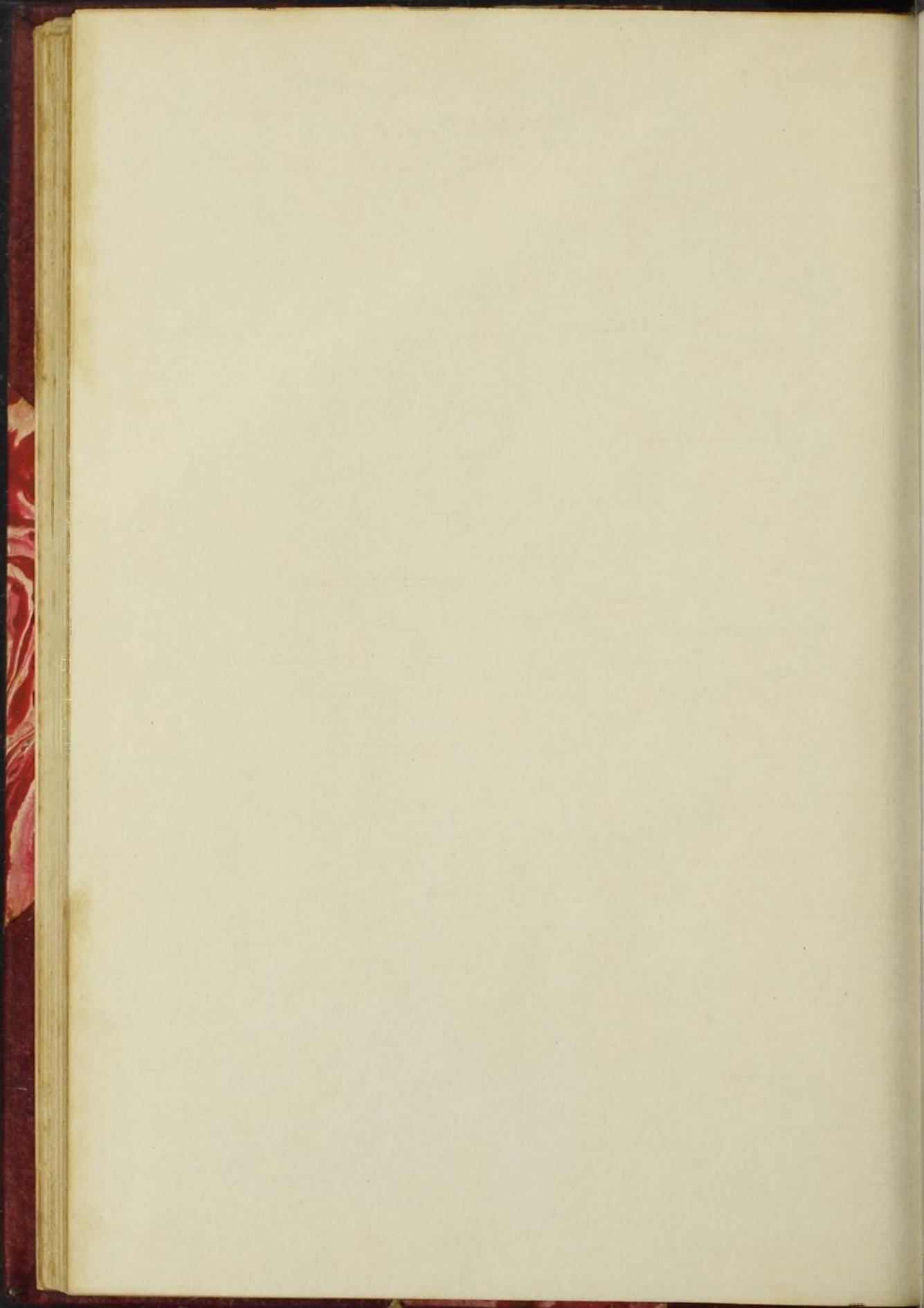


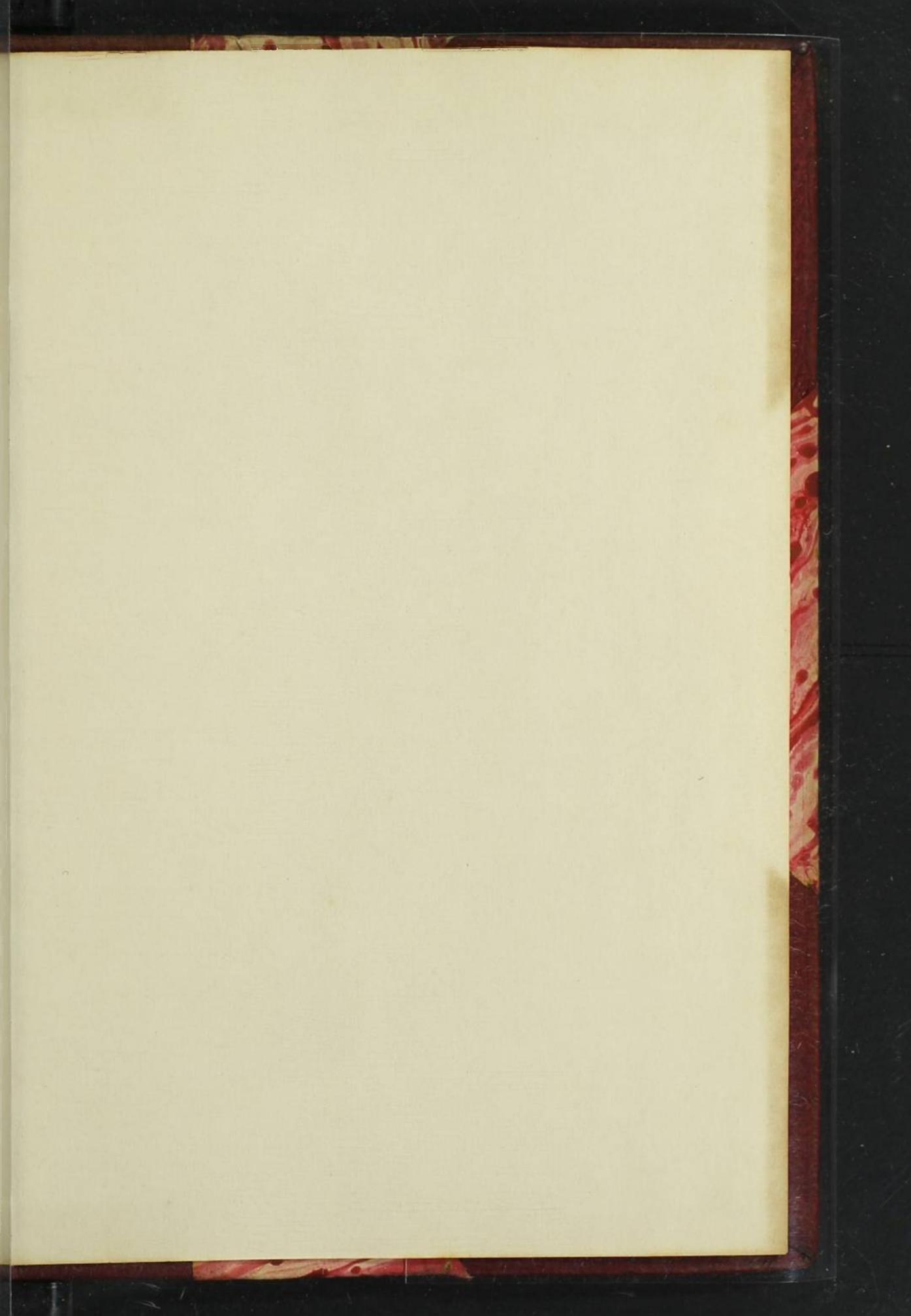
(1) A Geographia Nacional. Discurso proferido na sessão inaugural do 2º Congresso Brasileiro de Geographia. Revista do Instituto Historico de S. Paulo, vol. XV, pag. 209.











011836

